

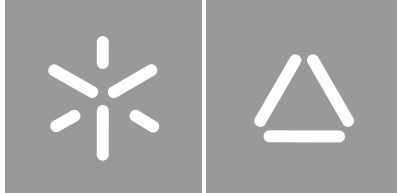


**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Fernando Gabriel Rodrigues Ribeiro

**A (sub)representação dos países nas  
notícias: o caso da revista Visão**





**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Fernando Gabriel Rodrigues Ribeiro

**A (sub)representação dos países nas  
notícias: o caso da revista Visão**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Ciências da Comunicação  
Área de especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Felisbela Maria Carvalho Lopes**

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### **Licença concedida aos utilizadores deste trabalho**



**Atribuição  
CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Agradecimentos**

A toda a equipa da Visão por me ter acolhido de braços abertos.

À Cesaltina, ao Filipe e à Clara pelas aprendizagens e por aceitarem todas as ideias que propus.

À professora doutora Felisbela Lopes pelo tempo e dedicação na orientação deste trabalho.

À minha família e amigos.

À minha mãe.

A mim.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## **A (sub)representação dos países nas notícias: o caso da revista Visão**

### **Resumo**

O fluxo de notícias nos média é cada vez maior e isto é possível graças a a vários motivos, como a globalização e a internet – que permitiram encurtar distâncias e unir pessoas em poucos segundos. Todos os dias, televisões, rádios, jornais e redes sociais fazem chegar ao consumidor final novas representações de acontecimentos que marcaram a agenda, desde política, cultura, sociedade, educação, e dezenas de outros temas.

Com estes desenvolvimentos tecnológicos, as notícias internacionais deixaram de encontrar nas suas fronteiras um obstáculo ao acesso por parte do público: conseguimos aceder facilmente a diferentes meios estrangeiros através da internet; os jornalistas locais conseguem entrevistar fontes em qualquer parte do mundo com a ajuda da tecnologia; e as agências de notícias, apesar de fulcrais nesta democratização, deixaram de ser as únicas formas de os trabalhos estrangeiros entrarem num determinado país. Ainda assim, percebemos que nem todos os países possuem perfis mediáticos e que certos territórios gozam de um estatuto privilegiado nas notícias nacionais. Porque é que isto acontece?

Esta dúvida, que se coloca às estruturas do jornalismo, surgiu com a experiência pessoal de estágio na revista Visão, que aqui também é refletida como ponto de partida para uma melhor compreensão sobre a forma como se faz jornalismo em Portugal. Nesta linha de pensamento, este trabalho pretendeu ainda debater várias questões que marcam a vida de um jornalista: a importância das fontes, os constrangimentos económicos ou a prioridade das escolhas editoriais.

Com base numa revisão de literatura, foi possível traçar uma linha com algumas justificações para o favorecimento de certos países e figuras mediáticas estrangeiras. Foram, por isso, analisados cerca de 70 textos noticiosos da revista impressa, compreendidos entre dez meses de trabalho: de março a dezembro de 2020.

As conclusões mostram justamente uma hegemonia norte-americana sobre os restantes continentes e subcontinentes. Apesar de a política ter marcado a agenda mediática do ano (muito por causa das eleições americanas de 3 de novembro), há uma outra circunstância que não podemos esquecer: a pandemia de covid-19 também influenciou o trabalho jornalístico.

**Palavras-chave:** Covid-19, Eleições americanas, Jornalismo internacional, Jornalismo online

## **The (under)representation of countries in the news: the case of Visão magazine**

### **Abstract**

The news flow in the media is increasing and this is possible thanks to several reasons, such as the globalization and the internet – which have made it possible to shorten distances and unite people in a few seconds. Every day, televisions, radios, newspapers, and social networks bring to the final consumer new representations of events that mark the agenda, from politics, culture, society, education, and dozens of other topics.

With these technological developments, borders are no longer an obstacle for the public to access international news: we can easily access different foreign media through the internet; local journalists are able to interview sources anywhere in the world with the help of technology; and news agencies, despite being central to this democratization, are no longer the only way for foreign works to enter a certain country. Even so, we realize that not all countries have media profiles and that certain territories enjoy a privileged status in national news. Why is this happening?

This doubt, that also exists in the structures of journalism, arose from the personal experience of an internship at Visão magazine, which is also reflected here as a starting point for a better understanding of the way journalism is done in Portugal. In this line of thought, this work also intended to debate several issues that mark the life of a journalist: the importance of sources, economic constraints, or the priority of editorial choices.

Based on a literature review, it was possible to draw a line with some justifications for favoring certain countries and foreign media figures. For this reason, approximately 70 news articles from the printed magazine were analyzed, covering ten months of work: from March to December 2020.

The conclusions precisely show a North American hegemony over the remaining continents and subcontinents. Even though politics marked the media agenda of the year (largely because of the American elections of November 3rd), there is another circumstance that we must not forget: the covid-19 pandemic also influenced journalistic work.

**Keywords:** American elections, Covid-19, International journalism, Online journalism



## Índice

<i>Parte I – O início</i> .....	12
1. A empresa .....	12
2. O estágio.....	14
2.1 As expectativas iniciais .....	17
2.2 Impacto da Covid-19 e do teletrabalho na produção jornalística.....	19
2.3 Jornalismo internacional: recurso a órgãos estrangeiros e (a falta de) contacto com as fontes .....	21
2.4 Cuidados do jornalismo online e impresso .....	23
<i>Parte II – Enquadramento teórico</i> .....	27
1. Jornalismo internacional .....	27
1.1. A origem. Mercantilismo, geopolítica e globalização .....	27
1.2 Os desafios das notícias internacionais e o papel dos correspondentes e dos enviados especiais .....	29
1.3 O papel do jornalismo na construção social da realidade.....	32
1.4 A (sub)representação dos países nas notícias .....	35
2. O jornalismo online.....	39
2.1 O nascimento e as características do jornalismo digital .....	39
2.2 As agências de informação no mercado dos média .....	42
2.3 O jornalismo digital como palco para o jornalista-cidadão e <i>fake news</i> .....	45
2.4 O jornalismo em tempo de pandemia: importância e mudanças.....	47
<i>Parte III – Estudo Empírico</i> .....	51
1. Pergunta de partida .....	51
2. Objetivos e hipóteses.....	53
3. Caminhos metodológicos.....	54
3.1. <i>Corpus</i> e análise de conteúdo quantitativa .....	54
4. Apresentação de resultados.....	60
4.1. EUA como país líder na noticiabilidade internacional .....	60
4.2. Política marca a agenda em mais de metade dos acontecimentos.....	61

4.3. Temas sociais: pouco falados, mas com destaque no número de páginas .....	62
4.4. Notícias de produção estrangeira recorrem a um maior número de fontes.....	63
4.5. Nas notícias internacionais, são outros órgãos as fontes mais citadas .....	64
5. Considerações gerais sobre o estudo empírico.....	66
<i>Parte IV – Conclusão .....</i>	<i>68</i>
<i>Bibliografia .....</i>	<i>71</i>
<i>Anexo I.....</i>	<i>79</i>

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 – Categorização dos acontecimentos noticiosos.....	55
Tabela 2 – Categorização dos textos noticiosos.....	56
Tabela 3 – Estatuto da fonte de informação.....	59
Tabela 4 – Cruzamento de dados entre o tema e a extensão do texto.....	63
Tabela 5 – Cruzamento de dados entre o tipo de produção e o número de fontes.....	65
Tabela 6 – Cruzamento de dados entre o continente da fonte e o estatuto.....	65

## **Índice de Figuras**

Figura 1 – Países representados nas notícias.....	60
Figura 2 – Temas retratados nas notícias.....	61
Figura 3 – Tipo de fontes.....	64

## **Introdução**

O presente relatório de estágio surge no contexto de um estágio curricular de três meses na revista Visão, na redação de Matosinhos, Porto. A experiência foi enquadrada no segundo ano do mestrado em Ciências da Comunicação – Ramo Profissionalizante de Jornalismo da Universidade do Minho. Tendo em conta os trabalhos produzidos nesses meses, foi decidido que a investigação deveria debruçar-se sobre o jornalismo internacional.

A escolha do tema surgiu, principalmente, por duas razões. A primeira prendeu-se com o volume de trabalhos realizado no estágio, sendo que a maior parte das notícias que tive oportunidade de escrever para este órgão pertenceram à secção de Mundo. O segundo motivo que justificou esta escolha é justamente a minha admiração por este tipo de jornalismo. Posto isto, este capítulo tenta expor, de forma dinâmica e simples, entre outras coisas, o meu trajeto neste estágio curricular: desafios, oportunidades e aprendizagens.

Durante o curso tivemos oportunidade de debater, várias vezes, os princípios por que se regem os jornalistas no momento de escolherem determinado valor-notícia, fonte ou ângulo noticioso. No jornalismo internacional, a regra não é diferente, mas, olhando para os noticiários, percebemos que existem países com maior hegemonia mediática: há países que são falados todos os dias, outros que recebem menos atenção e outros que nunca são discutidos. Foi nesse sentido que decidi perceber, com base na minha experiência e limitando o estudo ao “meu” órgão de comunicação, que territórios foram falados durante grande parte dos meses de 2020.

Com este propósito em mente, o presente relatório é constituído, numa primeira parte, pela minha experiência de trabalho, destacando os diferentes artigos que tive oportunidade de escrever e as limitações que um ano atípico causou na rotina jornalística. A adoção do teletrabalho foi uma das temáticas em reflexão e que influenciou grande parte do estágio. Os cuidados entre a escrita impressa e online foi um ponto fulcral de discussão, tendo sido essa separação uma das maiores aprendizagens que tiro desta experiência. Ainda nesta primeira parte, foram debatidos o jornalismo internacional e o difícil acesso às fontes. Este foi também um dos grandes temas presentes na reflexão do enquadramento teórico.

Já na segunda parte do relatório, focamo-nos no jornalismo internacional e no jornalismo online para explicar as diferenciações, limitações, oportunidades e desafios destes dois tipos de géneros

jornalísticos. Ao longo do trabalho, foi fulcral perceber a evolução das notícias exteriores nos meios digitais, como o fácil acesso a fontes e notícias estrangeiras, por exemplo. Também nesta fase foi interessante debater de que forma este tipo de artigos nos ajuda a entender ou influenciar a construção social da realidade, através de diferentes correntes académicas e com o recurso às ideias preconcebidas e estereotipadas que temos sobre determinados povos e culturas. As notícias são também uma forma de ver o mundo e o papel dos jornalistas não pode ser ignorado na hora de discutir a forma como a realidade é transmitida à sociedade.

A metodologia foi ao encontro da revisão da literatura com a análise de conteúdo de mais de 70 notícias internacionais publicadas na revista Visão. Para perceber o fenómeno, foram listadas várias variáveis de avaliação, como a geografia do acontecimento, extensão do texto, tema e subtema retratados, número de fontes citadas, cargos dos intervenientes, entre outras. Através do recurso ao programa SPSS, os dados permitiram responder à pergunta de partida e perceber que países foram os mais relevantes na linha editorial da revista durante os dez meses de análise. A discussão dos resultados e a conclusão fecham este relatório com os dados e as reflexões do enquadramento teórico em profunda simbiose.

## Parte I – O início

### 1. A empresa

A Visão é uma revista portuguesa de informação lançada a 25 de março de 1993. A empresa surgiu da iniciativa da Edipress, um grupo de comunicação suíço e o maior de língua francesa. O desafio foi aceite pelos jornalistas d'O Jornal que, na década de 1980, se tinha afirmado no panorama dos meios de comunicação. Por variados motivos, nos anos seguintes, o jornal perdia adeptos e motivou a criação de uma nova publicação. Já na última edição d'O Jornal, podia ler-se na última página: “Uma equipa que sabe virar a última página tem visão para o futuro”, recorda à Visão José Carlos de Vasconcelos<sup>1</sup>, um dos fundadores, num artigo que celebra os 25 anos do lançamento da revista.

O nome surgiu depois do estudo e da análise das revistas Time e Veja, de origem americana e brasileira, respetivamente. Pelo caminho, a Visão já passou por outras empresas de publicações, tendo integrado, por exemplo, o grupo Impresa, liderado por Francisco Pinto Balsemão e que hoje reúne meios de comunicação como o Expresso e a SIC. Por motivos económicos, a empresa acabou por ser vendida, posteriormente, ao grupo Trust In News, que a detém até aos dias de hoje. Atualmente, a publicação está sob a alçada da diretora Mafalda Anjos.

Ao longo dos anos, o grupo tem-se reinventado com a criação de vários suplementos e revistas temáticas. Além da Visão, destaca-se também a Visão Júnior, Visão Saúde, Visão História, Visão Biografia, Exame e Exame Informática, que continuam a ser publicadas ativamente em formato impresso. A revista principal respeita a periodicidade inicial e mantém-se de forma semanal, com distribuição às quintas-feiras. Conta ainda com duas redações, em Lisboa e no Porto, e o estatuto editorial por que se pauta mantém-se em vigor desde a data da sua fundação – e propõe-se, entre outros ideais, a “dar, através do texto e da imagem, uma ampla cobertura dos mais importantes e significativos acontecimentos nacionais e internacionais, em todos os domínios de interesse” (Estatuto Editorial, 1993, primeiro parágrafo<sup>2</sup>).

Em 2001, a empresa dá o passo em direção ao meio digital e cria o seu site oficial, que pretendia ser mais uma afirmação no panorama da informação nacional. No final do ano de 2010, a revista foi a

---

<sup>1</sup> <https://visao.sapo.pt/iniciativas/2018-04-21-visao-25-anos-o-mais-velho-a-conversa-com-o-mais-novo/>

<sup>2</sup> <https://visao.sapo.pt/estatuto-editorial/>

primeira publicação a ser adaptada a *tablet*, mais precisamente em iPad. No dia do lançamento, o formato alcançou o primeiro lugar de aplicações de notícias.

Em termos de circulação paga impressa e digital, os números têm respeitado a tendência do setor, constatando-se que existem menos leitores a pagar por informação. Segundo a Associação Portuguesa Para o Controlo de Tiragem e Circulação<sup>3</sup>, entre 2015 e 2019 a circulação paga caiu quase para metade. Se nesse primeiro ano a circulação rondava os 70 mil exemplares impressos, a verdade é que cinco anos depois os números fixavam-se entre os 32 e 37 mil. Na circulação digital, o valor permanece residual. Nesta análise, foi deixado de fora, propositadamente, o ano de 2020, uma vez que o confinamento geral e dever cívico de ficar em casa influenciaram negativamente os números de todos os meios de informação.

A redação do Porto, onde decorreu o início do estágio curricular, situa-se, atualmente, na cidade de Matosinhos. Depois da venda da publicação à Trust In News, o grupo de jornalistas migrou para um espaço *cowork*. No local, laboram outros trabalhadores independentes de várias áreas profissionais. Atualmente, são cinco o número de jornalistas que trabalham a partir da Invicta, aos quais se acresce uma fotojornalista.

---

<sup>3</sup> <http://www.apct.pt/analise-simples>

## **2. O estágio**

A realização de um estágio de três meses faz parte do plano curricular do ramo profissionalizante em jornalismo do mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. Para muitos, este é um primeiro contacto com o mercado de trabalho, o que permite, entre outras coisas, conhecer a realidade da rotina jornalística das redações, criar contactos com fontes e desenvolver possíveis relações profissionais e oportunidades de emprego no futuro. É expectável que o estudante, em contexto de trabalho, possa adquirir importantes conhecimentos práticos que ultrapassem o conhecimento da teoria desenvolvido durante a licenciatura e o primeiro ano de mestrado.

Posto isto, esta foi a primeira vez que entrei numa redação de um órgão nacional e generalista. A partir desta premissa, pude acompanhar algumas das rotinas iniciais de uma revista semanal, como o agendamento ou a divisão do trabalho – ainda que os planos tenham sido (consideravelmente) alterados devido à situação pandémica que assombrou o país e o mundo durante 2020. O final do ano e o início de 2021, que corresponderam ao período de estágio, viriam a ser ainda mais graves, com a segunda e terceira vagas, mais fortes do que a primeira, a obrigar os jornalistas e outros profissionais a ficarem em casa.

A minha primeira aparição na redação da revista Visão aconteceu a 19 de outubro de 2020, já depois de uma entrevista, em setembro, para acertar pormenores e para perceber, de forma superficial, aquilo que me esperava em Matosinhos. Num primeiro momento, a minha inclusão na equipa seguiu a regra de outros estagiários anteriores: a realização de um vídeo em que me apresentava enquanto pessoa e estudante para dar a conhecer as minhas motivações no jornalismo, as expectativas que possuía e os desafios que gostava que me fossem colocados. No vídeo, tive oportunidade de falar do meu trajeto noutros órgãos, dos muitos trabalhos anteriores feitos em contexto académico e dos meus passatempos pessoais. Através do e-mail institucional, todos os jornalistas da revista semanal puderam conhecer-me melhor, tanto em Lisboa como no Porto. A receção estava feita e era tempo de colocar mãos à obra.

Foi com Cesaltina Pinto, jornalista de Economia na revista Exame e orientadora do estágio, que pude perceber melhor a dinâmica do jornalismo impresso. Num primeiro momento, os dias eram passados a ler textos, ora da revista, ora do site. Perceber a escrita jornalística e a linha editorial da Visão foram exercícios fulcrais para a posterior adaptação ao trabalho de uma vasta equipa. Além da leitura, houve



uma prática que permitiu perceber as diretrizes editoriais por que se rege esta publicação periódica: atirar ideias e tentar perceber porque não se adaptavam à revista ou ao site. No meio de um *brainstorming* tão grande e produtivo, percebi que os dias mais atarefados e de difícil acompanhamento eram as terças-feiras, que correspondem ao fecho da edição. No final desse dia, todos os jornalistas já deveriam ter os textos escritos, revistos e colocados no programa de paginação para a impressão. A revista é enviada aos assinantes na quarta-feira e vendida em banca no dia seguinte.

Quando, no primeiro dia, cheguei à redação, existia um conjunto de expectativas que qualquer iniciante da área deseja concretizar. Falar e criar contactos com fontes, afirmar o nosso potencial num mercado em crise, sair e explorar ou simplesmente viver o frenesim de uma redação são alguns dos exemplos. Desde o início que me foi dito que no online teria muito por onde expressar o meu trabalho, principalmente porque, com uma revista em execução, torna-se difícil para os mesmos jornalistas preencherem um site e as 116 páginas semanais com diferentes conteúdos.

O dia começava com a leitura dos jornais diários que chegavam à redação – uma rotina comum aos estagiários da área. Este hábito revela-se um dos mais importantes fatores de aprendizagem, visto que nos permite conhecer a agenda mediática do dia, testar mentalmente a nossa capacidade de priorizar secções e temas, aprimorar através da leitura a nossa escrita e, sem deixar o fator concorrencial de lado, entender as escolhas dos profissionais em noticiar determinados factos em detrimento de outros.

Esta leitura diária permitiu perceber que a escolha de temas de uma revista semanal difere em muito das escolhas de um jornal diário. Já que as notícias de última hora ficam de fora, espera-se que os temas sejam mais profundos e longos. Isto não é novo para estudantes de jornalismo, que ao longo do percurso académico conseguiram aprender e interpretar os jornalistas como os guardiões de notícias. Para perceber este facto, a teoria do *gatekeeping*, uma das teses mais antigas dos estudos da comunicação, ajuda-nos justamente a “entender porque é que um evento é interpretado como político, porque é que os média noticiosos cobrem o evento e como o evento é moldado e editado antes de se tornar notícia” (Shoemaker, Johnson & Riccio, 2017, p. 348). Percebemos, portanto, que, na pessoa do jornalista, “um jornal constrói então a sua credibilidade dando visibilidade a determinados acontecimentos e pessoas, delimitando o mundo dos factos a que o cidadão deve ter acesso” (Dalmaso, 2002).

Depois desta prática mental, o dia começava, então, com um exercício de ideias para entender o porquê de determinado assunto não se encaixar nas páginas da revista ou no online. No princípio, existiu alguma dificuldade da minha parte em adaptar-me aos conteúdos da Visão, talvez devido à bagagem do passado, em que desenvolvi vários textos para outras páginas jornalísticas. As minhas sugestões passavam maioritariamente pela secção de Mundo, que é pouco alimentada no online. Já na revista, existe sempre um grande tema internacional a cargo de Filipe Fialho, editor e único jornalista da área na redação, em Lisboa. Muitas das aprendizagens que interiorizei nesta secção foram graças a este profissional, que prontamente me pedia sugestões e “encomendava” trabalhos para o online e para a revista.

Ainda na primeira semana tive oportunidade de realizar uma peça para a Visão Sete, um dos suplementos da revista principal. Este viria a ser o único trabalho nesta secção e, por coincidência, foi sobre o Festival Semibreve, a acontecer em Braga, a minha cidade natal. A ideia passava por fazer uma antevisão do evento através do contacto com a organização. Por já ter abordado o assunto em anos passados para o jornal académico dos alunos de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho (ComUM), o contacto estava facilitado. Os temas da revista semanal e respetivos suplementos eram decididos em reunião à quarta-feira à tarde, que juntava os editores e coordenadores das várias secções das redações de Lisboa e Porto. Mais tarde, tendo em conta a evolução da semana e, mais importante, os acontecimentos de fim de semana, os jornalistas teriam uma nova reunião na noite de domingo. Por vezes, os temas eram alterados na segunda reunião para fazer entrar na revista física alguns dos acontecimentos mais marcantes da semana.

Depois de conhecer toda a logística, era altura de colocar as mãos à obra. O meu dia de trabalho não tinha uma hora de entrada e de saída definidas, principalmente porque a revista não vive das notícias de última hora. Apesar da liberdade que me foi dada, sempre respeitei o horário que me foi atribuído. Na redação, tive ainda oportunidade de conhecer várias outras pessoas, principalmente trabalhadores independentes, que encontraram naquele espaço *cowork* um local para desenvolverem o seu trabalho. Foi uma experiência rica em matéria de aprendizagem profissional, mas também ao nível do desenvolvimento pessoal. Este modelo, no entanto, durou aproximadamente duas semanas. No início de novembro, a segunda vaga da pandemia impôs o teletrabalho obrigatório na redação. A partir daí, tudo mudou: a rotina, a comunicação interna e as expectativas que tinha para os meses seguintes.

## 2.1 As expectativas iniciais

Para muitos estudantes, a ingressão no mestrado tem como objetivo final a aprendizagem numa redação, a fim de perceber as decisões editoriais e participar na produção e criação jornalísticas. Quando surgiu a ideia de estagiar na Visão, alegrava-me a ideia de poder ter tempo e liberdade para fazer trabalhos mais longos, que pudessem vir a sair na revista ou, devido à falta de espaço, na versão online. Ao contrário dos jornais diários, a ideia de um jornalismo mais profundo é muitas vezes o grande objetivo de quem trabalha com a informação.

A entrada numa redação pressupõe um conjunto de oportunidades que nos façam crescer. Muitos estudantes iniciam os seus estágios com expectativas de trabalho que, muitas vezes, se revelam defraudadas, por diferentes motivos: desmotivação, pouco acompanhamento por parte do orientador ou falta de ideias e sugestões. Apesar de não ser o meu caso, a verdade é que a pandemia de Covid-19 veio dificultar o meu trajeto na redação, assim como a muitos dos meus colegas, suponho.

Contacto com as fontes, presencial ou telefonicamente, realização de reportagens ou condução de entrevistas são algumas das práticas que acreditamos que credibilizam o jornalismo e dotam o trabalho de maior qualidade. Ao longo da licenciatura e do mestrado tive oportunidade de o fazer, em contexto académico, mas também fora dele. Foi graças a essa oportunidade que pudemos crescer profissionalmente ainda dentro da universidade e contar muitas e diferentes histórias das nossas gentes ou entrevistar pessoas que consideramos relevantes em termos jornalísticos. Em contexto laboral, o cenário é diferente, principalmente quando falamos de falta de tempo e recursos.

É por isso que os jovens jornalistas, ou aqueles que ainda estão a aprender a profissão nos bancos da faculdade, têm uma oportunidade única de fazer a diferença, já que dispõem frequentemente do tempo necessário para desenvolver estórias que valham a pena ser contadas. (Granado, 2021, p. 128)

Qualquer aspirante a jornalista entende que as redações são constantemente ameaçadas por vários obstáculos à profissão, principalmente económicos. “Hoje, algo que atormenta muito os jornalistas são os constrangimentos económicos. Estão aí as principais censuras, transpostas na diminuição de meios, na redução das equipas, na limitação dos trabalhos” (Lopes, 2016, p. 71). Estes constrangimentos não põem só em causa a qualidade jornalística, como limitam muitas vezes a realização de trabalhos que exigem maior investimento. O melhor exemplo é a reportagem, que tantos estagiários desejam poder

fazer durante os três meses de trabalho. A título de curiosidade, durante a Declaração do Estado de Emergência (DEE), “aumentou o número de jornalistas que responderam ter deixado de sair em reportagem (de 11,5% antes da DEE para 33,5% no período da DEE)” (Camponez et al., 2020, p. iv).

Apesar dos diversos géneros, sabemos hoje que a “reportagem é o género jornalístico mais nobre, havendo até quem o considere sublime e literariamente privilegiado” (Gradim, 2000, p. 87). Muitos dos profissionais almejam poder ter tempo, recursos e meios para investigar, questionar e explorar *in loco* um tema que lhes causa curiosidade. A verdade é que, atualmente, “esmagados pela rotina da redação, os jornalistas não têm muitas vezes o tempo ou a vontade de perseguir uma boa ideia que lhes surge” (Granado, 2021, p. 128). A revista Visão também é uma das vítimas da crise que afeta o setor, assim como todos os órgãos de comunicação social. No entanto, tratando-se de uma revista semanal, a reportagem continua a ser um meio privilegiado em diversos aspetos, principalmente porque existe mais tempo para a escrita e para a exploração no local.

Por norma, as capas da Visão representam uma reportagem de investigação no interior e demoram meses a ser escritas. Durante esse tempo, o jornalista tem de seguir alguns dos mais importantes passos na produção jornalística de reportagem. Segundo Granado (2021), a ideia, a recolha de informação, a entrevista, o contacto com as fontes e a escrita são os processos que fazem parte deste género jornalístico. O jornalista agarra os dados de que dispõe, transformando os factos numa “prosa de grande fôlego que conta uma história com o máximo de pormenores possíveis, incluindo muitas notas de cor local” (Gradim, 2000, p. 87).

Tratando-se de um dos géneros mais importantes, a reportagem é muitas vezes reservada para quem tem mais anos de experiência ou em quem as chefias depositam mais confiança. Logo no início do estágio, surgiu a oportunidade de acompanhar uma jornalista numa saída em reportagem. Contactados por uma associação de direitos humanos, a ideia inicial seria cobrir o reencontro de uma família do Porto com um indivíduo em situação de sem-abrigo. Apesar de estar tudo combinado, o encontro foi cancelado no dia anterior devido ao agravamento da pandemia.

A partir daqui, uma bola de neve colocou em causa todas as expectativas que tinha em relação ao estágio. Com a obrigatoriedade do teletrabalho e com a agenda mediática marcada pela Covid-19, o que

restava da experiência foi passada em casa, longe do perigo da transmissão do vírus e com o sentimento de desmotivação que tanto marca o confinamento de muitos portugueses que trabalham a partir de casa.

## **2.2 Impacto da Covid-19 e do teletrabalho na produção jornalística**

Duas semanas depois de iniciar o estágio, a segunda vaga de Covid-19 colocou todos os jornalistas da Visão, tanto de Lisboa como do Porto, a trabalhar a partir de casa. Sendo assim, a comunicação e distribuição de tarefas eram feitas com os editores e com a orientadora, quando necessário, a partir de três principais canais: Skype Business, e-mail interno e chamada telefónica/mensagens de texto.

Desde logo, é possível perceber o impacto negativo que o teletrabalho tem numa redação jornalística. Em 2020, foram várias as conferências que se dedicaram a debater o tema. Ao Diário de Notícias, a diretora de informação da Agência Lusa, Luísa Meireles, referia que “sem uma redação presente, falta aquele sistema de autocontrolo, erros que se detetam, indicações que se dão, ideias que se trocam” (Neves, 2020). Não só falamos na maior dificuldade em comunicar com os colegas, mas também na quebra de produtividade que possa surgir devido à distância.

Estas redações encontram-se estruturadas ao redor de núcleos de pessoas ou de pessoas específicas que exercem funções especializadas, em consonância com uma lógica industrial de divisão do trabalho, que visa, no contexto do jornalismo, otimizar o processo de produção de informação de atualidade, mas que tem como um dos principais reveses, no mesmo contexto, a burocratização da atividade jornalística, apesar de o meio social se apresentar em constante mudança. (Sousa, 2001, p. 50)

Em primeiro lugar, é importante perceber o impacto da Covid-19 na agenda mediática. Segundo um estudo da Comissão da Carteira Profissional de Jornalistas (CCPJ, 2020), a pandemia dominou a agenda dos profissionais de jornalismo, com 68% dos jornalistas a afirmar que abordaram, de alguma forma, este tema nos seus trabalhos. Destes, quase 40% disseram que a Covid-19 representou três quartos dos seus artigos. Com a doença a marcar a atualidade, seria de esperar que os meios de comunicação social não ignorassem um dos maiores marcos históricos da nossa geração. Além das mudanças que a pandemia causou na agenda jornalística, é importante perceber as mudanças nas rotinas destes profissionais.

O domicílio dos jornalistas substituiu as redações, o número dos profissionais que deixaram de fazer reportagem aumentou, uma percentagem significativa enfrentou as consequências do *lay-off* e viu os seus rendimentos ou os do seu agregado familiar baixarem. As tendências de precarização da profissão e a crise dos média agudizaram-se. (Camponez et al., 2020, p. iii)

Os estagiários, sem qualquer vínculo laboral, também foram vítimas da crise sanitária e foram enviados para casa, principalmente como medida preventiva. Os primeiros dias longe da equipa revelaram-se desafiantes e tiveram de ser dotados de grande adaptação. Se já é difícil para um estagiário afirmar-se em contexto laboral, mais difícil será quando as circunstâncias obrigam o estudante a trabalhar longe dos jornalistas experientes, sem a discussão típica das redações e a aprendizagem no local. Num primeiro momento, a minha primeira importante ponte dentro da Visão aconteceu com a editora de Online, Clara Cardoso. Ao contrário da revista, que exigia um agendamento mais complexo, o site permitia a publicação de notícias mais pequenas e atuais. Este foi o primeiro grande passo, a partir de casa: saber onde procurar e como ter acesso aos acontecimentos mais importantes e que se revelassem jornalisticamente revelantes no plano editorial do grupo.

Em termos gerais, o teletrabalho não modificou a forma de escrita ou a periodicidade do trabalho que me foi proposto. Através do Skype Business, a rede de comunicação interna mais eficaz e mais usada pelos jornalistas da Visão, mantive contacto diário com os editores de Online e Mundo. Durante os dois meses e meio em que trabalhei a partir de casa, não posso afirmar que fui relegado para segundo plano ou que tive pouco trabalho em mãos. Na verdade, com um fluxo de trabalho diário, tive oportunidade de ter dias em que elaborava uma média de três artigos por dia, que podiam ser mais ou menos longos e sobre qualquer tema, desde Mundo, Saúde, Sociedade ou Cultura.

Em termos práticos, o início do dia não diferiu muito do trabalho em redação. Sem acesso aos jornais diários impressos, o computador passou a ser a única fonte de notícias possível. A partir dele, consultava jornais portugueses, mas, tendo em conta a minha inclinação ao jornalismo internacional, o processo começou a ser mais abrangente e a incluir, nas minhas consultas, diversos órgãos internacionais. Dos quatro cantos do mundo, destaco, por exemplo, as agências Associated Press, Reuters e Al Jazeera, assim como jornais ou estações como CNN, BBC ou Le Monde.

De uma forma geral, posso hoje afirmar que quase todos os artigos escritos durante o estágio foram realizados em contexto de teletrabalho. Ao todo, foram publicados 55 artigos, uns mais profundos do que outros. Destes, quase 80% foram categorizados como pertencentes à secção Mundo. Seguem-se artigos de Saúde, com 7%, e trabalhos de Sociedade, Cultura e Visão Sete, com percentagens residuais.

O teletrabalho dificultou o contacto com as fontes, principalmente as presenciais, mas houve um fator essencial que condicionou, desde o início, o acesso às fontes de informação: o jornalismo internacional.

### **2.3 Jornalismo internacional: recurso a órgãos estrangeiros e (a falta de) contacto com as fontes**

Antes de mais, é importante perceber que “não há jornalismo sem fonte” (Pellegrini, 2008, p. 279). Segundo Dalmaso (2002), as fontes mais utilizadas no atual cenário do jornalismo são as político-institucionais que, através de comunicados, encontram nas redações um forte canal de mediatização dos acontecimentos. A grande responsabilidade e o poder que as instituições políticas exercem são os dois principais motivos que a autora aponta para justificar a procura por parte dos jornalistas. Ruellan (2006) vai ao encontro desta tese e amplifica a importância da relação que se constrói entre os profissionais de informação e as fontes de comunicação. De acordo com a autora, “os jornalistas e as fontes não estão em campos opostos, e, sim, numa situação de convergência de interesses” (Ruellan, 2006, p. 33). Isto é visível através do interesse das instituições políticas em serem representadas nos produtos noticiosos. Por sua vez, Ribeiro (2010) não nega a importância desta relação, mas afirma que “a dinâmica fonte/jornalista não é, de modo algum, linear”, pois “antes de chegarem ao espaço público, as notícias resultam de um processo produtivo vulnerável à influência de fatores externos aos *news media*” (Ribeiro, 2010, p. 232).

É com isto em mente que percebemos a dificuldade em contactar fontes que não pertencem ao nosso país, principalmente por não possuímos uma ligação ou uma rede de contactos que nos permita chegar à fonte desejada. Numa era cada vez mais globalizada, as redes sociais permitiram um avanço neste aspeto, principalmente porque é possível procurar e estabelecer relações com fontes estrangeiras e porque os mecanismos de procura nos autorizam a encontrar pessoas através de dados de identidade específicos, tais como a localidade ou a profissão.

Ao longo do meu estágio, pude contactar com fontes internacionais. A relação dos EUA com o Irão, a história de um projeto audiovisual nigeriano ou até o agravamento da crise de Myanmar com os refugiados rohingya são alguns dos exemplos. A internet permitiu-me, de forma rápida e simples, criar o primeiro contacto, por exemplo, com um especialista em relações internacionais para perceber o impacto das eleições americanas no Médio Oriente e com um refugiado rohingya a viver nos EUA para relatar o flagelo de Myanmar por altura das eleições desse país do sudeste asiático. Segundo um estudo sobre o acesso a fontes estrangeiras levado a cabo por Hahn, Stalph e Steller (2018), “as redes sociais foram consideradas a melhor forma de estabelecer contacto pessoal direto” (p. 12). Ainda assim, há pontos negativos, como o facto de “abordar usuários desconhecidos diretamente provou ser difícil” e “limitar a busca para encontrar pessoas elegíveis foi um processo muito elaborado e nem sempre levou a resultados relevantes, pois os usuários das redes sociais não são necessariamente identificáveis” (Hahn, Stalph & Steller, 2018, p. 12).

Muitos dos meus contactos primários com pessoas estrangeiras foram realizados através do Twitter, por variadas razões. Em primeiro lugar, porque estamos a falar de uma rede social universal e globalizada, onde é cada vez mais comum a presença de fontes institucionais e especializadas, e onde podemos interagir, de forma simples, rápida e imediata, com qualquer pessoa de qualquer país. Depois, também igualmente importante, a plataforma permite encontrar pessoas através da procura de um cargo ou de outro dado relevante para o jornalista, caso a fonte o tenha tornado público.

Algumas redes sociais, como o Twitter, são mais interativas e mais imediatas porque podes contactar outras pessoas diretamente. *Hashtags* são úteis para localizar contactos qualificados... Não existem limitações como no Facebook e redes sociais semelhantes. Dependendo delas às vezes só te faz sentir “controlado remotamente”. (Terzis citado em Hahn et al., 2018, p. 12)

Existem também fontes especializadas, como académicos e investigadores, que disponibilizam e-mails institucionais ou páginas verificadas nas redes sociais, mas a realidade é que, segundo o mesmo estudo, “mesmo que os participantes conseguissem encontrar candidatos adequados, as solicitações permaneciam frequentemente sem resposta” (Hahn et al., 2018, p. 12). De entre alguns trabalhos que gostava de ter feito e em que procurei declarações exclusivas com fontes internacionais, a falta de resposta obrigava-me a optar por um de dois caminhos diferentes: ou abandonava a ideia porque só a exclusividade compensava o trabalho ou então recorria a órgãos internacionais e utilizava as citações disponíveis, destacando, obviamente, o jornal como fonte principal da declaração.



Desta forma, a utilização de outros órgãos de comunicação ou o recurso a agências noticiosas fez-me perceber ainda mais a noção de um jornalismo sentado. Waltz (2015), apoiado em Neveu, põe em evidência o termo do jornalismo sentado para “designar uma prática jornalística voltada ao tratamento de informações de caráter noticioso que não foram coletadas pelo profissional, em oposição a um jornalismo ‘em pé’, dedicado ao contacto direto com as fontes, por meio de reportagens e entrevistas” (Waltz, 2015, p. 125). O mesmo autor destaca, na evolução do jornalismo sentado, “o empobrecimento do papel de mediador do jornalista, na medida em que se converteria em um mero redator, cada vez mais despojado de um senso crítico em nome da maximização de seus domínios técnicos e produção em larga escala” (Waltz, 2015, p. 131). Isto permite uma potencialização dos recursos e uma ampliação no número de artigos que cada jornalista soma diariamente.

Olhando para trás, como já foi referido, muitos dos meus artigos foram publicados na secção de Mundo. Tal como acontece com outros órgãos, esta área abarca muitas temáticas relativas a outros países que não o da origem da publicação: política, sociedade, cultura, ciência, economia... Por si só, trata-se de uma secção abrangente e universal. Posto isto, na minha experiência de trabalho, o resultado não foi diferente, mas existe um acontecimento mundial que se destaca dos demais. De todas as notícias que elaborei para essa mesma secção, cerca de 25% – o que representa 20% do total – foram motivadas pelas eleições americanas de 3 de novembro de 2020, que opuseram o republicano Donald Trump e o democrata Joe Biden, e que culminaram com a vitória do segundo.

## **2.4 Cuidados do jornalismo online e impresso**

Num primeiro momento, percebi de imediato que a rotina jornalística de uma revista semanal não seria igual à de um jornal diário e que muitas das ideias preconcebidas que temos sobre o papel de um estagiário não seriam exatamente iguais numa publicação deste tipo. Desde logo não existiam rondas telefónicas, visto que o jornalismo *breaking-news* não é, de todo, a linha preferencial desta empresa. Ainda assim, existe lugar no site para notícias atuais e imediatas, muitas das vezes recorrendo a agências noticiosas, principalmente a Lusa, a única agência em língua portuguesa.

Nesse sentido, hoje é impossível que um órgão de comunicação social impresso viva sem uma presença diária e assídua na internet e nas redes sociais. Isto acontece porque “a velocidade foi sempre algo

intrínseco ao jornalismo – a notícia é, afinal, algo novo para alguém – e isto significa ser o primeiro a contar o facto ocorrido à audiência” (Bradshaw, 2014, p. 111). Nesse sentido, numa revista de cariz semanal, o carácter do imediatismo perder-se-ia facilmente sem o recurso à internet, até porque os acontecimentos não esperam uma semana para acontecer.

Ao longo de três meses de estágio, posso confirmar que quase todos os artigos assinados por mim foram publicados online e muitos deles foram motivados por algum acontecimento que marcou a atualidade. Ataques de piratas informáticos à linha de suplementos da vacina contra o coronavírus, polémicas adjacentes às eleições americanas ou até o obituário de um artista de música português são alguns dos exemplos. Segundo os especialistas, esta “digitalização e a convergência oferecem novas formas de ganhar dinheiro a partir do mesmo conteúdo” (Bradshaw, 2014, p. 115) e, por isso, os meios de comunicação social têm apostado na presença online: republicam os artigos nas principais redes sociais e, acima de tudo, dotam os seus textos de novas funcionalidades para facilitar a leitura e motivar a partilha, tais como hiperligações, incorporações de *tweets* ou fotogalerias interativas. O tipo de coisa que não seria possível em formato físico.

Num balanço geral, em quase todos os trabalhos que realizei para a plataforma digital acabei por utilizar hiperligações que levavam o leitor para outra página da internet. Esta prática permitiu-me, entre outras coisas, contextualizar acontecimentos e factos ou munir o texto de maior credibilidade. Recorrendo a Salaverría, Canavilhas (2014) explica que as hiperligações têm, em primeiro lugar, uma função documental, porque possibilitam justamente contextualizar o leitor sobre factos e eventos através de uma leitura mais aprofundada. Em segundo lugar, têm uma função narrativa, porque propõem aliviar a leitura e levar o consumidor a encontrar outros caminhos de informação. Através destas ligações digitais, era possível, por exemplo, redirecionar o leitor para páginas de organizações especializadas, para notícias mais aprofundadas já publicadas no site oficial ou para atas ou documentos oficiais. No meu caso, que recorria a diversos órgãos estrangeiros para noticiar acontecimentos internacionais, era importante e fulcral “enviar” o leitor para a notícia original, caso quisesse aprofundar a leitura.

Percebemos, então, que a Visão não descarta a presença online, mas o foco continua a ser a publicação física – mais importante do que isso, quem compra a Visão não espera notícias de última hora, até porque o método revelar-se-ia impossível numa publicação semanal. Em três meses, poucas foram as vezes que assinei algum artigo na revista. Apesar de ter sido publicado apenas um artigo, que fiz em

parceria com outro estagiário curricular de Lisboa, a verdade é que tive oportunidade de praticar a minha escrita de jornalismo impresso com outros textos que, por motivo de falta de espaço, acabaram por migrar para o online, com muita pena minha. O único artigo publicado da minha autoria encontrou lugar já na última edição da revista de 2020. Com o objetivo de perceber a agenda política internacional de 2021, o texto distinguiu cinco países/regiões que vão marcar o ano por diversos motivos. Ficaram de fora dois importantes artigos que me deram muito prazer fazer: um sobre as eleições de Myanmar e os desafios da sua líder política (“Myanmar: Do triunfo da democracia à queda de uma heroína”) e outro sobre as decisões do presidente Trump já no término do seu mandato (“De presidente a sabotador? As decisões de Trump a semanas de deixar o cargo”).

A escrita para a revista física revelou-se desafiante e permitiu-me sair da zona de conforto. Ao longo do meu percurso noutros órgãos, tive oportunidade de escrever para outra revista impressa, mas não desta dimensão generalista. Olhando para trás, posso afirmar que a maior aprendizagem de todas foi perceber que a escrita jornalística não pode ser uniformizada para todas as plataformas e que os leitores têm necessidades diferentes quando procuram jornalismo de televisão, imprensa, rádio, online, multimédia, infografia, etc.

Em termos práticos, uma das maiores lições quando me desafiei no primeiro artigo impresso foi a abertura do texto. Se no online nos pedem um lead direto, prático e simples, na revista pedem um ângulo que motive o leitor a continuar a ler os próximos parágrafos. O exercício era fácil: escrever uma abertura que interpelasse um outro lado da informação – através, por exemplo, do humor, da enumeração, do trocadilho, de uma citação impactante ou de outras práticas que prendessem quem estivesse a ler. Como explica Sousa (2001):

A entrada bem construída tem por principal missão atrair o leitor e apresentar a história. Para o fazer, pode sumariar pontos importantes ou interessantes da peça, contextualizar a informação, evidenciar pormenores interessantes ou importantes, etc. Pode também ser escrita de forma leve criativa, especialmente quando o assunto em causa for de grande aridez. (Sousa, 2001, p. 218)

Ainda assim, esta aprendizagem do jornalismo impresso permitiu-me aprimorar o sentido de síntese. Ao contrário do online, para onde tive oportunidade de escrever muito no passado, as publicações físicas possuem um espaço limitado e esse foi um dos maiores desafios para mim e que ainda hoje acredito

que coloca à prova muitos dos profissionais: priorizar, deixar de fora o não essencial e abdicar de informações que, embora relevantes, não encontraram espaço nas poucas páginas destinadas ao tema.

## **Parte II – Enquadramento teórico**

### **1. Jornalismo internacional**

#### **1.1. A origem. Mercantilismo, geopolítica e globalização**

Apesar do recente processo de globalização a que o mundo assistiu com o desenvolvimento das tecnologias de informação, a verdade é que o jornalismo internacional não é uma área nova para os jornais e para os jornalistas. “Foi durante o período mercantilista, no século XVI, que o jornalismo internacional começou a florescer”. No entanto, tal como explicam Viana e Lima (2012), a editoria só sofreu um crescimento abrupto no século XIX: “Nessa época, a expansão do império colonial britânico fez com que os periódicos impressos ampliassem a área geográfica de cobertura e, nos Estados Unidos, o noticiário internacional também foi fortalecido com a presença de imigrantes da Europa”, que procuravam notícias sobre o continente europeu durante o período em que viviam na América (Viana & Lima, 2012, p.1).

Apesar da carência de dados históricos, Williams (2011) vai ao encontro desta teoria, afirmando que “as notícias do que estava a acontecer no exterior eram uma característica dos primeiros jornais da Europa no início do século XVII” (p.1). Para isto, houve um conjunto de acontecimentos que motivaram, no passado, a mediatização de eventos além-fronteiras, numa espécie de primeiro ato de globalização, mas sem a tecnologia que conhecemos agora.

Apoiando-se em Natali, Viana e Lima (2012) descrevem o período mercantilista como um dos mais relevantes no crescimento da oferta e procura por notícias mundiais. Nesta fase, os textos deixariam de pertencer exclusivamente aos grupos comerciais e passariam a encontrar na população em geral um novo núcleo de leitores interessados. Nos séculos seguintes, o desenvolvimento das telecomunicações, como o telégrafo, viria a ser fundamental para a afirmação do jornalismo internacional nos veículos de comunicação social – com as informações a chegar de forma mais rápida e eficaz. Apesar dos grandes avanços proporcionados pela evolução tecnológica, a verdade é que existiram também outros fatores, de ordem política, económica e jurídica, por exemplo, que fomentaram o interesse pelas novidades do estrangeiro.

A origem desta área do jornalismo, no entanto, cria dúvidas e gera desconfiças. Para Nikonov (2013), “o desenvolvimento do poder estatutário, as tentativas de regulamentação legal e o aumento do papel

do direito internacional” são apenas algumas das razões que revelaram a necessidade de abordar temas internacionais. Segundo este teórico russo, “tudo isto se reflete nos média de massas, formando na consciência das pessoas a necessidade de um entendimento uniforme da ordem mundial em desenvolvimento” (p. 22). Já Reese (2010) é mais cética e considera que “o próprio conceito de ‘globalização dos média’ sugere que não temos a certeza se os média levam à globalização ou se eles próprios são o resultado dela” (p. 354).

Como qualquer outra prática social, o jornalismo não pode agora ser totalmente compreendido à parte da globalização. Este processo refere-se à intensificação das interconexões sociais, o que permite apreender o mundo como um único lugar, criando uma maior consciência do nosso próprio lugar e a sua localização relativa no âmbito da experiência mundial. Como parte de uma plataforma maior de meios de comunicação, o jornalismo contribui para essa experiência e, portanto, representa um componente-chave dessas transformações sociais, tanto como causa quanto como resultado. (Reese, 2010, p. 344)

Essas transformações sociais, de que Reese fala na passagem anterior, podem ser também associadas “à coordenação de interesses, solução de problemas de guerra e paz, prevenção e regulação de conflitos globais, regionais e nacionais, e criação de uma ordem mundial justa”, explica Nikonov (2013). Isto porque, segundo o mesmo investigador, “a informação, levada aos consumidores dos meios de comunicação de massas, é considerada por eles como uma atividade política conjunta entre entidades jurídicas internacionais (Estados, organizações intergovernamentais e não governamentais, alianças etc.)” (Nikonov, 2013, p. 22).

Tudo isto resulta de processos geopolíticos que também influenciam a forma como encaramos o mundo. Focando-se no estudo da ligação entre o jornalismo e as relações internacionais, Bomfim e Muller (2016) acreditam, tal como Nikonov, que, “utilizando os média informativos privados globais, os Estados poderiam conseguir a efetivação dos seus interesses, sendo estes ‘indiretos’ (como a construção de uma imagem positiva) ou ‘diretos’ (a influência na resolução de conflitos)” (p. 63). É através desta tese que os autores invocam o conceito de diplomacia mediática, um ideal segundo o qual “os países procuram uma presença positiva nos materiais jornalísticos de empresas privadas que, por serem encarados como ‘informação independente’, seriam mais confiáveis aos olhos do público” (p. 76).

Apesar das dezenas de décadas que sucederam à emergência do jornalismo internacional, “os acontecimentos dos últimos anos, ocorridos na arena mundial, fizeram-nos olhar de outra forma para as noções e processos políticos familiares, como interesses nacionais, conflitos e guerras, terrorismo,

soberania nacional e política externa” (Nikonov, 2013, p. 22). As barreiras e as noções de Estado e de identidade nacional esbateram-se com o tempo para dar lugar a uma sociedade de informação marcada pela globalização e pelo fluxo permanente de notícias da ordem mundial.

Marthoz (2018), no entanto, argumenta que, para o futuro, “o desafio, num mundo cada vez mais interconectado, mas também cada vez mais fragmentado, é o de tecer laços entre o local e o global, o universal e o particular, a fim de dar significado à atualidade”. Sobre a globalização que caracteriza o século XXI, o autor francês acredita que o processo não pode ser apenas descrito como positivo, principalmente para o jornalismo e, em particular, para o jornalismo internacional:

A aceleração da globalização e o desenvolvimento deslumbrante das tecnologias de comunicação criam a imagem de um mundo onde sabemos tudo, imediatamente, sobre tudo. Ilusão. O universo do jornalismo internacional é marcado por relações de poder económico e político. Uma parte do mundo está superexposta, outra deixada no escuro. (Marthoz, 2018, p. 13)

A título de exemplo, Viana e Lima (2012) realçam que, em 1861, a Guerra da Sessão norte-americana foi acompanhada por 150 correspondentes, numa altura em que o desenvolvimento tecnológico dava os primeiros passos. O telégrafo e o avanço das redes de comboio foram importantes motores de proximidade e foram responsáveis por encurtar as distâncias. “O impacto da rapidez na transmissão de informações e na distribuição de jornais e revistas foi proporcionalmente bem maior que o da computação e o da internet no final do século XX” (Natali citado em Viana & Lima, 2012, p. 4).

Ao longo dos últimos anos, os correspondentes e enviados especiais têm sido figuras proeminentes para a contextualização de episódios internacionais nos meios de comunicação social. A presença de jornalistas no estrangeiro, no entanto, está a diminuir à medida que aumenta o jornalismo online e o recurso às redes sociais e agências noticiosas. A globalização que motivou o surgimento do jornalismo internacional parece ser a mesma que agora limita os jornalistas na prática plena da sua função.

## **1.2 Os desafios das notícias internacionais e o papel dos correspondentes e dos enviados especiais**

O jornalismo internacional assume-se hoje como uma importante fonte de conhecimento que coloca os leitores em contacto com o mundo exterior. Ainda assim, atualmente, é possível afirmar que “a cobertura internacional nos média está a diminuir”, assim como a presença de correspondentes e enviados especiais em países estrangeiros (Besova & Cooley, 2009, p. 221). Para esta tendência contribuíram

vários fatores, entre os quais os problemas económicos que afetam atualmente o setor dos média e a banalização das redes sociais e da internet.

E porque é que o cidadão comum quer saber o que se passa noutros países, principalmente se as decisões internacionais não o afetam diretamente? Sobre este *newsmaking* das notícias internacionais, Sakurai (2017) foca-se nas dimensões culturais de cada nação como principal motivo de mediatização internacional. De forma geral, isto significa que existem fatores culturais que aproximam nações e que legitimam a cobertura mediática de determinados eventos: a língua, os laços coloniais, a etnia e a proximidade geográfica. Um exemplo deste processo é a mediatização, por parte de países europeus, de acontecimentos nas ex-colónias – países com os quais, normalmente, partilham o idioma e o passado histórico e cultural. No entanto, o investigador defende que estes fatores não podem ser desligados do poder económico de cada país, como poderemos perceber mais à frente.

Hoje, a internet e as agências de notícias são importantes fontes na produção de textos internacionais, mas nem sempre foi assim. “Em épocas anteriores, a notícia internacional clássica estendia-se como um feito de relevância informativa entre dois países, como por exemplo as superpotências da URSS e dos EUA” (Tulloch, 2010, p. 11). Décadas depois, os correspondentes continuam a ter um papel ativo na esfera mediática, mesmo com a monopolização das agências internacionais de notícias. Neste ponto de vista, os correspondentes e enviados especiais distinguem-se dos demais jornalistas e, a eles, são-lhes exigidas diferentes responsabilidades pela posição especial que ocupam no processo de apuração dos factos.

Em primeiro lugar, é preciso perceber quem é o enviado especial. De uma forma geral, podemos afirmar que “um correspondente estrangeiro está estacionado noutro país e vive nesse país”, mas o seu papel não se limita ao simples relato dos factos: deste jornalista espera-se uma contextualização clara do meio onde se insere. “O valor do correspondente é que ele deve contextualizar e interpretar as notícias do país estrangeiro para o país de origem. Espera-se que dê a sua opinião e perspetiva sobre o país” (McConville & Smith, 2013, p. 51).

Portanto, a contextualização é um dos fatores determinantes e decisivos durante a produção jornalística por parte de um correspondente, mas não é o único critério que justifica a presença de uma pessoa no estrangeiro. A decisão das redações em possuir ou enviar jornalistas *in loco* acarreta muitos desafios, principalmente de ordem económica (como as despesas de deslocação e estadia) e de ordem logística (como a dificuldade na comunicação entre a redação e o correspondente). É nesta linha de pensamento



que Tulloch (2010) tentar sumarizar um conjunto relevante de pontos que explicam a importância do correspondente e do enviado especial em relação à apuração dos factos.

A este profissional exige-se, em primeiro lugar, um olhar crítico e sentido de contextualização na hora de noticiar as questões socioeconómicas, políticas e culturais, como referido anteriormente. É por isso que, estando no local, os correspondentes precisam de transportar o leitor/espectador para o meio onde estão sediados, enquadrando-o na política internacional, através, por exemplo, de analogias com o país de origem. Este exercício vai permitir que o consumidor não se perca no relato noticioso.

Em segundo lugar, o correspondente assume uma posição de maior confiança na esfera pública, uma vez que a sua presença evita as distorções geradas pelas partilhas na internet ou pela dificuldade em comunicar com as fontes quando se trabalha a partir do país de origem. As fontes continuam a ser uma das componentes mais importantes no processo de produção jornalística, em qualquer área ou secção. Com a presença no local, os correspondentes têm acesso a um vasto conjunto de pessoas e entidades para enriquecer o seu trabalho. Falamos, por exemplo, de fontes oficiais, académicos locais, órgãos regionais e cidadão comum. Em contrapartida, os jornalistas da secção de internacional que trabalham a partir da redação têm um acesso muito mais limitado e acabam por recorrer a agências de informação e à imprensa estrangeira.

Por último, estes jornalistas têm a função acrescida e a responsabilidade social de reduzir os estereótipos e de se cingir a interpretações reais dos povos e culturas. É necessário perceber que este profissional, através do relato sobre as situações do mundo, acaba por ser um elo importante no processo de socialização.

A partir das notícias internacionais, aprofundamos conhecimentos em matéria de política, cultura, ciência, terrorismo, migração, economia, entre outras áreas. “As pessoas que não vivenciam esses eventos e esses países estrangeiros em primeira mão têm apenas, o que Lippmann chama, ‘imagens mentais’ criadas pelos média para formar opiniões sobre esses países” (Besova & Cooley, 2009, p. 220). É também a criação dessas imagens mentais que nos faz questionar até que ponto o jornalista é construtor social da realidade.

### **1.3 O papel do jornalismo na construção social da realidade**

A forma como olhamos e vivemos a vida continua a intrigar os especialistas nos dias de hoje. A comunicação – área em que se insere também a informação – é um dos campos que fez emergir, principalmente durante o século XX, um vasto conjunto de estudos sobre a maneira como o ser humano se relaciona e comunica. “A vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e, de modo subjetivo, dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente” (Berger & Luckman, 2004, p. 31).

Para perceber melhor esta relação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, os mesmos sociólogos agruparam a realidade social em dois universos diferentes: direto e indireto. O primeiro advoga que as situações em que o indivíduo tem acesso corporal direto terão mais interesse na sua vida quotidiana; em contrapartida, o “interesse pelas zonas distantes é menos intenso e, decerto, menos urgente” (p. 34), afirmam, criando uma dualidade na maneira como interpretamos a realidade que nos envolve. Segundo esta tese de Berger e Luckman (2004), o “aqui” e o “agora” são as duas componentes essenciais para o discernimento de qualquer indivíduo e, nesse sentido, teremos de reconhecer, em primeiro lugar, a vida quotidiana como a nossa realidade social – incluindo tudo o que nos rodeia e a informação a que temos acesso.

Ora, hoje é impossível separar o jornalismo das teorias da comunicação e do papel dos média na forma como se constrói e interpreta a realidade social. “O discurso jornalístico configura e constitui-se como uma forma possível de compreensão e, conseqüentemente, de construção da realidade (social) quotidiana”, através, por exemplo, das “representações discursivas que ganham visibilidade social por meio das estruturas de produção, circulação e consumo” (Gadini, 2007, p. 85). Gadini vai mais longe na sua reflexão, afirmando que a notícia “‘tráfica’ e publicita imagens da realidade social, à medida que o mesmo é identificado, consumido e apropriado pelo público” (p. 87). Aqui, o autor transfere para os média o poder da representação e olha para os leitores como recetores de uma nova realidade através dos conteúdos noticiosos.

Na mesma linha de pensamento, Bomfim (2012) encara o jornalismo como “uma das principais referências na construção social da realidade” devido à “veiculação de formas simbólicas representativas culturalmente para os indivíduos” (p. 31). Percebemos, então, o papel das normas sociais na produção jornalística, algo com que os teóricos se debateram (e ainda debatem) ao longo do tempo.

Atualmente, as teses sobre o papel da informação na sociedade defendem mais poder para os média na hora de representar a realidade social, mas nem sempre foi assim. Durante muito tempo acreditava-se que os meios de comunicação social possuíam um papel passivo na vida dos consumidores. Para perceber esta corrente, Tuchman (2009) recorre, em primeiro lugar, a uma perspetiva mais tradicional para explicar que, num primeiro momento, as notícias eram vistas como um espelho da realidade, ou seja, aquilo que se escrevia não passava de um reflexo da sociedade onde o respetivo órgão e o jornalista se inseriam.

A estrutura produz normas, incluindo atitudes que definem os aspetos da vida social que são do interesse ou têm importância para os cidadãos. É suposto que as notícias digam respeito a esses tópicos reconhecíveis. Socializados nessas atitudes sociais e nas normas profissionais, os jornais cobrem, selecionam e difundem histórias sobre temas identificados como interessantes ou importantes. Em virtude do cumprimento desta função por parte dos jornalistas, as notícias refletem a sociedade: as notícias apresentam à sociedade um espelho das suas preocupações e interesses. (Tuchman, 2009, p. 91)

Não obstante, Tavares (2012) explica que não demorou muito tempo para que surgisse uma outra teoria para contrapor esta abordagem. Assim, apoiado em Tuchman, o teórico afirma que as notícias deixaram de ser um espelho da realidade para passarem a ser interpretadas como um fenómeno importante na construção dessa mesma realidade. Esta abordagem interpretativa – como lhe chama – enfatiza o poder dos jornalistas e dos órgãos de comunicação social e diminui o poder das normas sociais:

De modo diferente, [esta teoria] defende que os jornalistas, que simultaneamente invocam e aplicam normas, também definem essas mesmas normas. Isto é, as noções de noticiabilidade encontram as suas definições em cada momento; como, por exemplo, quando os editores de jornais decidem os assuntos a ser apresentados em primeira página. De forma semelhante, esta abordagem defende que as notícias não espelham a sociedade. Ajudam a constitui-la como um fenómeno social partilhado, dado que no processo de descrição de um acontecimento, as notícias definem e moldam esse acontecimento. (Tuchman, 2009, p. 92)

Apesar do fluxo recorrente de notícias, sabemos que os jornalistas não podem nem conseguem noticiar tudo aquilo que chega à redação e esse é justamente um dos motivos apontados para a importância do jornalismo na construção social da realidade. É normal selecionar determinados temas em detrimento de outros ou deixar textos fora do jornal/revista devido à carência de espaço. Esse processo, que identificamos anteriormente como *gatekeeping*, permite aos jornalistas determinar aquilo que deverá ser

ou não noticiado. Esse julgamento, por norma, obedece a critérios que justificam a entrada do tema na esfera mediática e, habitualmente, são valores que “constituem a resposta à pergunta: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (Wolf, 1994, p. 175). O mesmo autor descrevia esse processo quando falava do fenómeno de *newsmaking*.

“A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias” (Wolf, 1994, p. 170).

Para isto, os teóricos da comunicação e informação têm, ao longo dos anos, enumerado vários valores-notícia para auxiliar os jornalistas no momento de seleção das notícias. Diferem em alguns pontos, mas a lista final é consensual entre os pares. Silva (2005), por exemplo, propõe uma tabela de critérios que serve para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis. Fazem parte da lista doze importantes pontos: impacto, proeminência, conflito, entretenimento/curiosidade, polémica, conhecimento/cultura, raridade, proximidade, surpresa, governo, tragédia/drama e justiça.

Estes critérios, que ajudam a definir a esfera mediática, são fulcrais para entender o processo de criação da agenda e podem vir a ser fundamentais para determinar os temas que vão marcar o debate público. A teoria do agenda-*setting*, uma das mais importantes teses da comunicação do século XX, ocupa uma posição de destaque na forma como o ser humano encara a realidade social. Segundo a teoria do agendamento, os média apresentam aos consumidores uma lista de temas sobre os quais é preciso debater, de forma a que as pessoas possam ter uma opinião sobre esses mesmos acontecimentos (Wolf, 1994). O objetivo dos meios de comunicação social, contudo, nunca será o de influenciar, persuadir ou manipular.

Em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descura, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os média de massas incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos média de massas aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (Shaw citado em Wolf, 1994, p. 130)

Sobre a teoria do agendamento, Besova e Cooley (2009) invocam McCombs para explicar que os efeitos desta tese não são comuns a todos os temas e pessoas. Segundo os investigadores, os temas

representados nos média poderiam ser divididos em temas intrusivos (quando existe uma certa familiaridade do indivíduo com o tópico tratado) ou não-intrusivos (quando o indivíduo não pode vivenciar ou verificar os factos veiculados pela notícia). Ora, “como a cobertura de notícias internacionais é considerada um bom exemplo de questões não-intrusivas, de acordo com a teoria do agenda-*setting*, ela terá efeitos maiores na opinião pública” (Besova & Cooley, 2009, p. 224).

Sendo assim, em jeito de conclusão, podemos concordar que o jornalismo internacional segue as mesmas regras que o *newsmaking* do restante jornalismo generalista e obedece à seleção jornalística através da ponderação do profissional. No entanto, neste caso específico, podemos afirmar que a “sua característica primária”, ao contrário das restantes notícias, “é a perceção de uma ordem geográfica”. Sendo assim, quando consumimos textos desta secção, interiorizamos que “as fronteiras físicas do Estado são reproduzidas pelo jornalismo ao definir-se uma notícia como circunscrita à editoria de internacional” (Bomfim, 2012, p. 33).

O que a investigação neste ramo tem mostrado é que ainda existe alguma desigualdade na representação dos países/continentes e que, conseqüentemente, esse desequilíbrio tem impacto na opinião pública. Um estudo de 2003, levado a cabo por Soroka e citado por Besova e Cooley (2009), revelava que os textos noticiosos que abordavam temas ligados aos EUA ou ao Reino Unido, duas potências mundiais localizadas no hemisfério norte, somaram maior influência junto dos consumidores da época. Apoiando-se em Steinberger, Bomfim (2012) vai ao encontro desta afirmação. O autor põe em evidência um dos maiores desafios do jornalismo internacional e que pode ter efeitos tóxicos na forma como o consumidor constrói a sua realidade social: as empresas jornalísticas continuam a refletir estereótipos e os países considerados menos importantes pela comunidade internacional continuam a sofrer de generalizações negativas nos textos noticiosos.

#### **1.4 A (sub)representação dos países nas notícias**

Se o jornalismo, como afirmam muitos teóricos, não é um espelho da realidade mas um fator construtivo, então interessa perceber até que ponto o jornalismo internacional molda o conhecimento sobre a cultura e os povos globais. Para Aguiar (2008), “o cuidado com o objeto da notícia é ainda mais delicado quando se trata de factos internacionais, pois o enquadramento dado a estes pela imprensa será, em última análise, determinante para formar a visão de mundo – no sentido mais literal possível – do leitor” (p. 6). Tal como explicam Bomfim e Muller (2016), as notícias internacionais ajudam a perceber o mundo e a criar impressões das nações:

Se as notícias são sobre uma nação próxima, mais difícil é estabelecer novas representações e discursos sobre o outro, pois estes foram assentes no imaginário após anos de processos históricos. Do contrário, quanto menos informação disponível para o reconhecimento do outro, maior é a força do jornalismo para instaurar novos elementos interpretativos. (Bomfim & Muller, 2016, p. 65).

A comunidade académica há muito que afirma, através da investigação, que os países, continentes e regiões do globo não possuem o mesmo grau de mediatização nas notícias. O debate ganhou um amplo destaque no início da década de 1980, quando a UNESCO alertou para a disparidade entre o fluxo de notícias e para o seu desequilíbrio: o norte do planeta, associado aos países ricos, aparecia mais nas notícias; já o hemisfério sul, associado aos países em desenvolvimento, surgia nos textos internacionais menos vezes e com um teor discursivo mais negativo.

Golan (2006) reconhece que “algumas nações e regiões são mais dignas de notícia para os média de massas do que outras” e enumera alguns fatores, sustentando-se em vários autores (p. 325). Destaca, por isso, a relevância, a afinidade cultural e a localização internacional das nações dentro da hierarquia das nações ou do sistema mundial. Segundo Wu (2000), que também estudou a mediatização dos países, existe uma relação entre os poderes político, económico e cultural de um país e a sua (recorrente) presença nas notícias internacionais – quanto mais poderoso for um país, mais provável será de estar representado nos média. Além destas características nacionais, Guo e Vargo (2020) acrescentam mais duas: “parentesco (por exemplo, proximidade geográfica ou cultural entre o país que relata e o país relatado) e eventos (por exemplo, desastres, guerras)” (p. 500).

Já no final do século XX, Rampal (1995) pôs em causa o poder económico como fator determinante da atenção mediática. Explicava que a Escandinávia, região europeia composta por países ricos, não ocupava páginas no jornalismo internacional, o que lhe levou a perceber um aspeto importante sobre a mediatização dentro dos continentes desenvolvidos: “o desequilíbrio do fluxo de notícias não é apenas um fenómeno entre países em desenvolvimento e países desenvolvidos. Estudos têm mostrado que esse desequilíbrio existe mesmo entre os países desenvolvidos do Ocidente” (Rampal, 1995, p. 49). Atualmente, Segev (2020) aponta a descentralização como justificação para a queda da presença dos países hegemónicos nas notícias, argumentando que até os países pequenos podem interagir e competir entre si. No entanto, não descarta a supremacia económica como motivo principal da monopolização mediática por parte dos grandes países.

O desequilíbrio no fluxo de notícias entre países e a sub-representação de várias regiões são alguns dos maiores desafios do jornalismo internacional e que se têm vindo a prolongar nas últimas décadas, sem a adoção de soluções que atenuem estes problemas. Negwu (2018) explica que, a juntar a isto, nos últimos anos, os países em desenvolvimento tendem a acusar os países desenvolvidos de criar perceções negativas sobre os países mais pobres nas notícias e isto traz consequências para a nação. Os efeitos de uma representação infiel “podem influenciar as decisões de investidores de negócios internacionais e turistas, que confiam nessas notícias para verificar se esse país é adequado e seguro para negócios ou turismo” (Negwu, 2018, p. 183).

Sobre isso, Ingenhoff, Segev e Chariatte (2020) concordam com Negwu e afirmam que as perceções sobre determinados territórios estão dependentes daquilo que os média transmitem, quer do ponto de vista capitalista (devido às relações comerciais e ao turismo), quer do seu papel na construção da paz e coesão social. Hoje, “os meios de comunicação de massa modernos desempenham um papel essencial no processo universal de socialização, quando uma pessoa ganha consciência pessoal da sua cultura e ordem social” (Shamilishvili, 2019, p. 71).

Bomfim (2012) é promontório na ideia de que a cobertura internacional tende a reforçar as posições etnocêntricas dos países ricos como, de resto, já pudemos perceber anteriormente. Steinberger (2005) exemplifica:

A América é a terra da oportunidade, do progresso e da livre iniciativa. A África é um continente de miséria, subnutrição e endemias. O Brasil é um território de florestas, índios selvagens e serpentes, mas também é terra de samba e futebol. Os ingleses são fleumáticos, os latinos são expansivos. Generalizações como estas ajudam a caracterizar de forma intuitiva o conceito de “imaginário internacional” a respeito de uma região, um país, um território ou um povo. (Steinberger, 2005, p. 64)

Aqui, o jornalismo leva-nos ao debate de outras problemáticas do ramo da socialização, sendo necessário entender “de que maneira os problemas sociais são afetados ou agravados” através da escrita jornalística, nomeadamente pela reprodução de estereótipos sobre povos ou culturas (Steinberger, 2005, p. 64). A verdade é que, “na reportagem de notícias internacionais, a estereotipagem é regularmente empregue como um método para melhorar a compreensão de assuntos de notícias estrangeiras” (Tanikawa, 2019, p. 1424). Enquanto os teóricos da comunicação olham para o recurso às ideias pré-concebidas como uma forma de o jornalista facilitar a perceção do mundo, os sociólogos não ignoram os efeitos negativos dessa conduta devido ao pesado papel dos média no processo de socialização.

As agências de comunicação, que ganharam destaque com o desenvolvimento tecnológico, também não são inocentes quando falamos da criação de imagens mentais sobre outros povos ou culturas. De salientar que a dependência entre as respectivas agências e os jornais “incorre em características como a homogeneidade do noticiário internacional e cristalização de discursos e representações sobre países, povos e culturas” (Bomfim & Muller, 2016, p. 65).



## 2. O jornalismo online

### 2.1 O nascimento e as características do jornalismo digital

“A internet tem sido considerada a maior vantagem para a comunicação desde a invenção da imprensa escrita” (Foust, 2017, p. 1). Segundo os dados do Eurostat<sup>4</sup>, em 2019, 81% dos agregados familiares em Portugal tinham acesso à internet, o que representa um valor muito abaixo da média europeia. Ainda assim, é importante salientar uma tendência evolutiva muito positiva, uma vez que o país registou uma subida de 14 pontos percentuais em comparação com 2014. O acesso à internet veio revolucionar todos os aspetos da vida quotidiana, incluindo os dos meios de comunicação social.

Olhando para trás, o primeiro grande desenvolvimento para o campo da comunicação foi a invenção da imprensa por parte de Gutenberg, no século XV. Aliando a tipografia à prensa, o alemão viria a dar os primeiros passos no campo da comunicação de massas. A partir daqui, “a escrita popularizou-se, o que permitiu a transmissão e a democratização do saber. Com o evoluir dos tempos, desenvolveram-se diferentes e mais precisas técnicas de apresentação e divulgação do conhecimento” (Martins, 2013, p. 2).

Este desenvolvimento tecnológico ao longo das últimas décadas não só fomentou a produção e distribuição de notícias, como alterou a forma como estas eram consumidas. Nos primórdios, “os jornais eram paginados coluna a coluna, verticalmente, e as notícias misturavam-se”. Depois, começaram a agrupar as notícias por temáticas, “o que veio a dar origem à segmentação da informação em secções próprias, conforme ocorre hoje em dia”. Por último, as novas tecnologias desencadearam uma revolução nos média: “com a informática, já próximo do final do século XX, o *design* de jornais sofreu novas alterações. Os infográficos tornam-se correntes e nasceu um jornalismo impresso que segue um modelo televisivo, ‘visual’, de poucas palavras, muita cor, muito *design* e muita imagem” (Sousa, 2006, p. 544).

Por essa altura, banalizava-se cada vez mais o acesso à *World Wide Web*. No entanto, “o encontro entre jornalismo e computação é anterior ao advento da internet. Na verdade, isso remonta muito mais à década de 1950, quando alguns meios de comunicação começaram a experimentar o uso de computadores na cobertura de notícias” (Salaverría, 2019, p. 2). Nas quatro décadas seguintes, a aproximação do jornalismo ao digital continuou em crescimento e os investigadores da área fizeram surgir a expressão relativa à “sociedade de informação”. Referenciando vários autores, Salaverría (2019)

---

<sup>4</sup> [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Digital\\_economy\\_and\\_society\\_statistics\\_-\\_households\\_and\\_individuals/pt](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=Digital_economy_and_society_statistics_-_households_and_individuals/pt)

explica que, apesar de num primeiro momento os estudos se focarem na televisão como meio preferencial de difusão de informação, rapidamente os teóricos se viraram para os computadores e redes interativas. Se investigar sobre jornalismo digital é investigar sobre os seus meios, é importante perceber que, “durante estes primeiros anos, a evolução dos média digitais foi muito acelerada e intensa” (Salaverría, 2019, p. 7).

Na passagem de milénio, já Bardoel e Deuze (2001), tendo em conta o contexto histórico, davam a conhecer o jornalismo online como o quarto tipo de jornalismo – seguido da rádio, televisão e imprensa. Os autores enumeravam quatro importantes características para as notícias digitais e que ainda são fundamentais nos dias de hoje: interatividade, personalização de conteúdo, hipertextualidade e multimedialidade. Em primeiro lugar, o princípio da interatividade deve dotar o leitor de um papel ativo para com o meio jornalístico, através, por exemplo, da possibilidade de escrever comentários nas notícias ou de participar em fóruns e *chats* na internet. Depois, a personalização de conteúdo permite que o consumidor possa adaptar a oferta do jornal às suas necessidades, escolhendo tópicos de interesse ou recebendo *newsletters* personalizadas. Já a hipertextualidade é uma forma de transformar o texto através de *links*, conferindo-lhe mais credibilidade ou permitindo que o leitor possa aprofundar o seu conhecimento com outras notícias – como acontece muitas vezes no jornalismo internacional. Por último, a multimedialidade, tal como o nome indica, refere-se ao recurso de vários formatos num só trabalho, como texto, imagem e som.

Além destas, Martins (2013) veio acrescentar mais duas importantes dimensões: memória e instantaneidade. A primeira diz respeito ao acesso de conteúdos difundidos em momentos anteriores ao da consulta, uma vez que a internet permite-se ser um arquivo de notícias; a segunda refere-se à rapidez com que o utilizador pode aceder a esses mesmos conteúdos noticiosos. Por último, Pavlik (2014) fecha este leque dos princípios do jornalismo online com a ideia da ubiquidade:

No contexto dos média, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real. Quer dizer que todos podem não apenas aceder a notícias e entretenimento, mas participar e fornecer a sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global. (Pavlik, 2014, p. 160)

Das diversas dimensões, os teóricos destacam a multimedialidade como um dos fatores em destaque no jornalismo atual e na sua recente evolução. Ora, o recurso a vários formatos digitais “influencia de forma significativa os aspetos não-verbais dos veículos impressos, já que os seus respetivos portais

oferecem plataformas adequadas para tais elementos” (Gonçalves & Sanches, 2018, p. 10). São justamente estes meios multimédia que “possibilitaram e guiaram a criação de elementos interativos cada vez mais populares na rede” (p. 13). Posto isto, tendo em conta o tema principal deste relatório, é possível perceber que, com os avanços tecnológicos a obrigarem a mudanças significativas no jornalismo, a secção de internacional não fica esquecida por esta tendência e revela uma necessidade acrescida de se adaptar aos tempos modernos:

A linguagem que permeia as notícias internacionais apresenta um processo evolutivo ímpar – passando progressivamente de um texto impregnado por características literárias, nos primórdios da imprensa, para uma redação mais factual e sucinta, observada na atualidade. Já o desenvolvimento do jornalismo, como um todo, tem estado atrelado ao avanço das tecnologias de comunicação, transmissão e informação. (Gonçalves & Sanches, 2018, p. 10).

Segundo os mesmos autores, também a multimedialidade oferece uma nova experiência ao leitor e ganha importância do ponto de vista das notícias internacionais, uma vez que a contextualização e a difusão de episódios estrangeiros passam por dar uma visão completa e detalhada de conteúdos de difícil acesso por parte do consumidor.

No campo da multimedialidade, a integração de elementos textuais e audiovisuais numa única plataforma transformou a forma de consumir conteúdo, principalmente na editoria de internacional, na qual os assuntos abordados – muitas vezes de alta complexidade – podem ser explicados de modo mais adequado por meio de vídeos, áudios, fotos e infográficos. (Gonçalves & Sanches, 2018, pp. 12-13).

Atualmente, com a queda no número de correspondentes e enviados especiais, uma das soluções para um jornalismo multimodal nas editorias de internacional passa pelo recurso a agências de notícias. Através delas, os órgãos de comunicação podem publicar não só textos com fontes locais, mas também fotografias e vídeos – conteúdos apenas acessíveis a quem está no local. Tal como os meios de comunicação se adaptaram aos novos tempos, também as agências seguiram o seu caminho. Muitas décadas se passaram desde a criação das primeiras agências de informação e, mesmo assim, elas continuam tão atuais e relevantes para o jornalismo como no primeiro dia. Uma das razões pode ser justamente a forma como elas se moldam à atualidade: “a capacidade de adaptação destas instituições aos avanços tecnológicos explica, em parte, sua longevidade”, uma vez que continuam “na vanguarda das transformações tecnológicas” (Rodrigues & Maia, 2019, p. 3).

## **2.2 As agências de informação no mercado dos média**

Para perceber esse caráter mutável e de adaptação das agências de informação, Rantanen (2019) recorre, primeiramente, ao conceito lançado por Groth para definir estas instituições no início do século XX: “são empresas que recolhem sistematicamente as notícias da maneira mais rápida possível e, depois de analisadas e editadas, as transmitem aos jornais e demais interessados da maneira mais rápida possível” (Groth citado em Rantanen, 2019, p. 2). Rantanen explica que, por quase um século, as agências de notícias focaram-se nos jornais e não nas audiências, criando notícias a grosso e não a retalho. Este facto só viria a ser alterado com o desenvolvimento tecnológico, o que levou muitas destas empresas a definirem-se, atualmente, como “provedoras de histórias de notícias e também de fotos, gráficos, reportagens de rádio e vídeo e outras informações para os média tradicionais e ambientes de novos média” (Rantanen, 2019, p. 2). Foi a era digital que as obrigou a mudar. Contudo, a adaptação vem de trás: desde a invenção do telégrafo, da construção de linhas de comboio ou da fomentação de relações políticas internacionais.

Posto isto, as agências desempenham atualmente um grande papel na difusão de informação, principalmente na Europa, cujo passado histórico sempre enalteceu as suas funções jornalísticas. Desde o início que estas empresas “têm sido indispensáveis para os meios de comunicação que desejam dar ampla cobertura aos seus leitores”, mesmo que, na maior parte das vezes, permaneçam como “atacadistas invisíveis de produtos de notícias e informações para a maioria dos consumidores dos média” (Shrivastava, 2007, p. 1).

A origem destes grupos de informação remonta ao século XVIII, quando Charles-Louis Havas criou, em Paris, a primeira empresa responsável por enviar as principais informações do exterior para os jornais que pagavam por esse serviço: a Agence Havas (Shrivastava, 2007). “Desenvolvida como uma iniciativa conjunta de jornais nas décadas de 1830 e 1840, o objetivo original da agência era reduzir os custos e expandir o escopo da correspondência estrangeira” (Boumans, Trilling, Vliegenthart & Boomgaarden, 2018, p. 1768). Antes disso, os jornais recorriam a periódicos estrangeiros como fonte de informação de notícias internacionais. O acesso, contudo, foi facilitado com a invenção do telégrafo.

A infraestrutura para a produção de notícias globais foi estabelecida durante a segunda metade dos anos de 1800, quando o uso do telégrafo se generalizou e as principais agências de notícias para recolha e distribuição surgiram e expandiram as suas conexões mundiais. Desde a década de 1840, quando foram implantadas as primeiras linhas telegráficas, até 1858, quando o primeiro cabo foi lançado através do

Atlântico, e na década seguinte, quando as comunicações transatlânticas se tornaram efetivas, o telégrafo experimentou, segundo Marshall McLuhan, um crescimento mais rápido do que qualquer outra tecnologia, incluindo a ferrovia. (Bielsa, 2008, p. 348)

O negócio cresceu, desenvolveu-se e percorreu a Europa com uma rapidez significativa, principalmente na segunda metade do século XIX, devido a “uma proliferação crescente da imprensa escrita e do número de leitores, à medida que o jornal se tornou o primeiro meio cultural de massas da modernidade” (Bielsa, 2008, p. 350). A partir daí, o mundo assistiu à criação de outras agências – que ainda permanecem ativas até aos dias de hoje. Já no início do século XX, as empresas conseguiram afirmar-se com o afunilar das relações políticas e internacionais nas áreas do comércio, migração e economia.

Atualmente, as maiores agências de notícias dos nossos dias situam-se em países desenvolvidos do hemisfério norte. Podemos invocar, a título de exemplo, três grandes instituições: Reuters, no Reino Unido, Agence France Press (AFP), em França, e Associated Press (AP), nos Estados Unidos da América. Sendo estes órgãos os mais destacados no mundo, Bomfim e Muller (2016) admitem que, “com as agências sediadas em países com alto poderio económico e político, as notícias utilizadas por companhias do mundo inteiro promoverão a existência de nações fortes ou fracas, culturalmente ricos ou exóticos, exitosos ou fracassados, como algo natural” (p. 65).

A internet, no entanto, veio alterar o papel das agências no mercado da informação. Com o objetivo de acompanhar os tempos, a verdade é que estas empresas sempre foram capazes de se adaptar aos novos mecanismos tecnológicos. “Foram pioneiras na distribuição de notícias computadorizadas e no desenvolvimento de redes de telecomunicação a cabo, venda por atacado – de serviços de notícias, áudio, foto e vídeo”, mas também na “realização de operações via satélite e produção para suportes online, móveis e leitores digitais” (Rodrigues & Maia, 2019, pp. 3-4).

Com a rápida evolução das novas tecnologias, “as possibilidades tecnológicas surgem de forma incessante”. Nesse sentido, percebemos que “as agências se valem da modernidade, como algoritmos e *big data*, a fim de se atualizar e manter o nível de competitividade como fontes primárias” (Rodrigues & Maia, 2019, p. 6). A internet acelerou o acesso à informação e a característica de fonte primária fica muitas vezes em causa. Para chegar a um maior público nesta era tecnológica, as agências escrevem sobre tudo, “de política a desporto e de notícias financeiras a entretenimento. Elas têm a reputação de fornecer informações precisas ao máximo, rápidas ao máximo e informações factuais ao máximo” e é esperado que assim continue, mesmo com as ameaças da internet (Boumans et al., 2018, p. 1771).

No entanto, há quem afirme que as novas tecnologias não foram assim tão positivas para estas empresas, já que “os processos de convergência digital dos média fracassaram em cumprir uma promessa de diversificar as fontes de informação sobre o mundo”. Hoje, “as notícias e as imagens de terras distantes estão mais acessíveis, mas isto não significa que haja maior pluralidade de vozes e de atores envolvidos nos fluxos globais” (Bomfim & Aguiar, 2019, p. 1).

A tecnologia, no entanto, apresenta ainda outras complicações. Atualmente, o cenário é positivo na Europa, uma vez que apenas três países europeus não sediam nenhuma agência nacional (Estónia, Irlanda e Islândia). No entanto, “muitas delas estão a enfrentar uma crise que ameaça sua viabilidade e existência” (Rantanen, 2021, p. 264). Duas das muitas ameaças apontadas são a queda do jornal impresso e o rápido crescimento da internet. A relação entre os jornais e as agências é tão profunda que, “quando os clientes tradicionais das agências de notícias, como jornais, estão com problemas, as agências de notícias também estão em problemas” (Rantanen, 2019, p. 9).

Jääskeläinen e Yanatma (2019) vão ao encontro desta afirmação, argumentado que, “embora o negócio dos principais clientes tradicionais das agências de notícias – jornais impressos – esteja em declínio dramático, o mercado dos média ainda oferece muitas oportunidades se as agências puderem entender e responder às mudanças”, como, por exemplo, “ajudando os clientes a cortar os seus custos e a compartilhar os custos de investimento em novas tecnologias” (Jääskeläinen & Yanatma, 2019, p. 18).

A juntar a isto, as empresas lidam agora com uma queda das assinaturas e despedimentos em grande escala, a fim de contornar as dificuldades económicas. Além disso, “na era digital, é cada vez mais difícil garantir a exclusividade do conteúdo: assim que um meio publica conteúdo online, outros meios podem lucrar de graça” (Boumans *et al.*, 2018, p. 1771).

Hoje, os teóricos afirmam que o “papel das agências de notícias na cadeia de valor e fornecimento da indústria de notícias mudou”, porque “a internet acabou com a era do seu monopólio sobre o fornecimento de notícias em tempo real” (Jääskeläinen & Yanatma, 2019, p. 18). Entre muitas outras coisas, a verdade é que a internet veio para ficar e abriu um novo palco ao cidadão comum como jornalista informal. Será este o novo advento das redes sociais?

### **2.3 O jornalismo digital como palco para o jornalista-cidadão e *fake news***

A internet, nas últimas décadas, não alterou apenas o cenário económico e laboral das agências de informação, como mudou a forma como as pessoas consomem as notícias. Atualmente, os “grandes média não são a única fonte de informação”, uma vez que também eles foram apanhados pela teia do mundo digital, acessível a todos. Na era da digitalização, “as fontes alternativas de notícias na internet, como blogues, portais e sites de redes sociais, são uma boa competição para os média convencionais”, que cada vez mais têm de lidar com difusão de informações, muitas vezes falsas, pelo cidadão comum, que não tem formação para triagem na apuração dos factos (Noor, 2017, p. 55). Apesar dos diversos problemas que isto acarreta, a comunidade científica tem estudado os seus efeitos e já denominou esta nova classe como o “jornalista-cidadão”. Esta figura pode ser definida da seguinte forma:

O jornalismo-cidadão é um conceito nos média que se refere às atividades jornalísticas de pessoas comuns. Significa que os próprios cidadãos relatam os problemas confrontando-os. O jornalismo-cidadão tem permitido que as pessoas levarem a voz sobre o que sentem que precisa de atenção. Essas pessoas são, portanto, denominadas jornalistas-cidadãos. (Noor, 2017, p. 55)

Normalmente, “esta forma de jornalismo dá aos cidadãos a oportunidade de relatar eventos nas redes sociais que aconteceram no seu ambiente”, levando o próprio indivíduo a envolver-se nos problemas da sua comunidade. É através deste sentimento de dar voz aos fracos que os jornalistas-cidadãos se sentem como uma espécie de ativistas durante o relato de algum acontecimento. Além disso, é comum eles desempenharem “o papel de enviar fotos ou relatos de atividades e eventos que ocorrem nas suas comunidades para os grandes média” (Etika, 2019, p. 12). Como explica Wall (2017), um dos maiores exemplos deste facto é a importância desses cidadãos comuns durante conflitos e desastres, principalmente numa era em que qualquer acontecimento pode ser gravado e publicado através de qualquer telemóvel.

Com percursos, metodologias e objetivos diferentes, Etika (2019) enumera as principais diferenças que separam o jornalista-cidadão do jornalista profissional. Enquanto o primeiro não opera numa estrutura formal e a sua base são as notícias de última hora, muitas vezes sem verificação, o segundo tem por base o trabalho numa redação, verificando as fontes e os factos e respeitando as normas de ética a que se comprometeu. Além disso, o jornalista formal tem um compromisso acrescido de prestar contas ao seu público – o famoso processo de *accountability*. Em oposição, o cidadão comum, além de não ter

essa obrigação, utiliza muitas vezes pseudónimos nas redes sociais para não ser identificado, o que nos leva a refletir sobre a credibilidade da informação e o aumento da propagação de *fake news*.

Depois de todos estes anos desde o surgimento do jornalismo digital, é possível afirmar que a difusão de notícias falsas conheceu um crescimento exponencial com a facilidade de partilhar e criar informação através dos meios online. “As *fake news*, ou informações fabricadas que são patentemente falsas, tornaram-se um fenómeno importante no contexto dos média baseados na internet” (Molina, Sundar, Le & Lee, 2021, p. 180). No entanto, o nascimento do conceito não é inerente ao desenvolvimento das novas tecnologias.

A ideia de notícias falsas não é um conceito novo. Notavelmente, a ideia já existia mesmo antes do surgimento da internet, pois os editores usavam informações falsas e enganosas para promover os seus interesses. Com o advento da *web*, cada vez mais consumidores começaram a trocar os canais dos média tradicionais, usados para divulgar informações, pelas plataformas online. Esta última alternativa não permite apenas que os usuários acessem a uma variedade de publicações numa sessão, como também é mais conveniente e rápida. (Aldwairi & Alwahedi, 2018, p. 215).

Allcott e Gentzkow (2017) concordam com o carácter atemporal deste conceito e exemplificam com casos do passado. Segundo os autores, em 1835, o jornal americano New York Sun publicou uma série de seis artigos em que dava conta da descoberta de vida na lua, o que seria falso. O caso ficou marcado para a história e ainda hoje é conhecido como “Great Moon Hoax” (“Grande Engodo da Lua”). No entanto, explicam também que o aumento exponencial da propagação de *fake news* está associado, em grande parte, à crescente utilização das redes sociais como fontes de informação. “As redes sociais são adequadas para a disseminação de notícias falsas e esse uso aumentou drasticamente: em 2016, os usuários ativos no Facebook chegaram a 1,8 mil milhões e os do Twitter aproximaram-se dos 400 milhões” (Allcott e Gentzkow, 2017, pp. 214-215).

Com o número de usuários na internet a aumentar, soma-se mais uma ameaça motivada pelas notícias falsas, mas que se cinge exclusivamente ao mundo digital: falamos do *clickbait*. Este conceito diz respeito ao “conteúdo (na internet) cujo objetivo principal é atrair a atenção e encorajar os visitantes a clicar num *link* para uma página da web específica”. Ora, tudo isto acontece “visando as crenças e opiniões das pessoas – pode deixá-lo feliz ou com raiva, desde que se clique nele” (Rochlin, 2017, p. 389). O maior objetivo deste conteúdo é aumentar a receita financeira.



Um dos conteúdos com maior engajamento nas redes sociais continuam a ser as teorias da conspiração, que disseminam teses sem fundamento científico ou baseadas em informações e factos falsos. Em 2020, a teoria da conspiração que marcou o ano foi a do QAnon, defendida principalmente por membros da extrema-direita e que afirmava que Donald Trump iria restaurar uma nova ordem mundial. Na imprensa, o caso não passou despercebido: “rapidamente, a teoria ganhou milhares de fãs. A quantidade de tráfego sobre o assunto nas principais redes sociais, como Facebook, Twitter, Reddit e YouTube, explodiu desde 2017 e os números aumentaram ainda mais durante a pandemia do coronavírus” (Wendling, 2021).

Recentemente, a pandemia de coronavírus fomentou ainda mais a criação e divulgação destas ideias sem fundamento nas redes sociais. O número de *fake news* ligadas à saúde aumentou e ganhou novo espaço mediático nas redes sociais. Numa altura “em que as pessoas têm procurado continuamente por informações sobre a infeção por coronavírus”, houve quem se alarmasse com notícias que não correspondiam à verdade. “Em muitos casos, as pessoas infelizmente viram-se sobrecarregadas com notícias contendo relatórios falsos e desinformação, que, para quem não tem as habilidades certas, pode ser difícil de digerir” (Tagliabue, Galassi & Mariani, 2020, p. 1287). Em maio de 2020, o jornal Público<sup>5</sup> noticiava que havia mais de 2.700 notícias falsas sobre covid-19 por dia. Esta foi só uma das consequências de uma pandemia que obrigou a reestruturar a vida social, económica e laboral, mas também jornalística.

## **2.4 O jornalismo em tempo de pandemia: importância e mudanças**

Segundo o dicionário da língua portuguesa<sup>6</sup>, uma pandemia é um “surto de uma doença com distribuição geográfica internacional muito alargada e simultânea”. Por si só, esta noção revela a importância de um mundo globalizado e interligado através das redes de transportes, telecomunicações e trocas comerciais. Tratando-se de um acontecimento universal e inédito da nossa geração, a mediatização da doença aconteceu a uma escala global e o papel dos jornalistas foi reconhecido pela sociedade, “porque os média se assumiram como uma das frentes de combate à pandemia e porque o discurso noticioso foi permanentemente atravessado por uma literacia que visava ajudar os cidadãos a adotar comportamentos que os protegesse de um eventual contágio” (Lopes, Araújo, Magalhães & Sá, 2020, p. 226).

---

<sup>5</sup> <https://www.publico.pt/2020/05/05/tecnologia/noticia/ha-2700-noticias-falsas-covid19-dia-1915168>

<sup>6</sup> <https://dicionario.priberam.org/pandemia>

Este papel do jornalismo revelou-se fulcral para a esfera pública. No início de março, os média noticiavam os primeiros dois casos de infeção por covid-19 em Portugal. Nos meses seguintes, a agenda mediática dividia-se entre o balanço do número de novos casos e mortes, mediatização de regras e normas de segurança, contextualização das sucessivas medidas políticas, económicas e financeiras decretadas pelo governo, etc. Neste contexto de crise, o jornalista, além de produzir a notícia, “teve tamanha importância para noticiar os planeamentos que foram feitos pelos órgãos oficiais de saúde e pelo governo, deixando a população informada sem que ela precisasse de sair de casa nem de colocar outras pessoas também em risco” (Silva, 2020, p. 14). Em Portugal, as audiências dos principais canais informativos aumentaram consideravelmente em março de 2020: a CMTV aumentou os seus números em 63%, a TVI24 em 99% e a SIC Notícias ocupa o pódio com mais 132% de audiência face ao mês de fevereiro do mesmo ano (Barros & Silvestre, 2020).

Como referido anteriormente, as *fake news* cresceram com a pandemia e motivaram a partilha de informações sem qualquer base científica. Isto aconteceu por várias razões, mas principalmente porque, nesta crise, as redes sociais são “a forma mais fácil de trocar informações ou divulgar propaganda” (Shalvee & Sambhav, 2020, p. 3787). É nesse sentido que se percebe a necessidade de profissionais como os jornalistas, uma vez que, “em tempos de pandemia, as notícias, além de produtos-estrela, tornaram-se espaços de combate à desinformação e às notícias falsas” (Ordóñez, Suing, Ramón & Carpio, 2020, p. 181). Tempos extraordinários exigem medidas extraordinárias e, por isso mesmo, foram adotadas diferentes estratégias que pudessem repor a verdade e permitir o acesso gratuito às informações sobre a saúde pública:

2020 foi um ano em que muitos meios de comunicação europeus decidiram, pouco antes da explosão da crise da covid-19, implementar algum tipo de acesso pago [*paywall*]. É relevante ressaltar que as notícias sobre a pandemia ficaram de fora do esquema de pagamento da maioria dos média online: eles decidiram que, mesmo que realizassem os seus planos originais de fazer os leitores pagarem por pelo menos alguns dos produtos que oferecem, as notícias sobre a situação catastrófica do coronavírus deveriam ser oferecidas gratuitamente. Esta é uma decisão notável: uma das consequências claras da crise, e os próprios meios de comunicação estavam bem conscientes disso, é como o acesso desigual aos recursos digitais, informação e educação principalmente foi agravado pela crise económica e da saúde. (Tellería & Noci, 2020, p. 226)

Com um mundo a ambientar-se à nova realidade, percebemos que, “ao contrário das pandemias anteriores, desta vez o poder da internet ganhou destaque quando a distância social foi necessária”.

Tudo isto culminou com novas adaptações, “como a transição do ensino presencial para a aprendizagem online, conferências académicas virtuais e reuniões de vídeo em plataformas como Zoom, WebEx e Google Meet” (Ha, 2020, p. 569). O jornalismo não foi exceção.

O dever do recolhimento domiciliário a fim de quebrar cadeias de contágio alterou de forma significativa a forma de fazer jornalismo em Portugal e no mundo, levando os profissionais desta área a aproximar-se de outros métodos alternativos, mas que já são usados há muito tempo nesta classe profissional. Destacam-se, por exemplo, o uso da internet como veículo de comunicação entre jornalista e fontes, o recurso às redes sociais e o acesso às fontes através de plataformas de comunicação à distância.

Perreault e Perreault (2021) recorrem ao termo de “ecologia da comunicação de desastres” para se referirem aos “recursos e informações que os indivíduos usam antes, durante e depois de um desastre”, sendo a pandemia de covid-19 um dos exemplos desse cenário. Para estes autores, “os jornalistas, como qualquer pessoa, devem adaptar-se a crises e desastres e a ecologia da comunicação covid-19 oferece um ambiente onde novas normas e práticas podem ser estabelecidas e experimentadas, e talvez inovadas” (Perreault & Perreault, 2021, pp. 2-3).

Em Portugal, a classe jornalística, tal como a sociedade em geral, teve de adotar soluções para evitar o contacto físico. Essas medidas correspondem, principalmente, “a um conjunto heterogéneo de ferramentas, onde predominaram as plataformas de videoconferência e de reunião online” (Camponez *et al.*, 2020, p. 28). O recurso à internet no acesso às fontes de informação não é novidade e há muito que o jornalismo se tem reinventado nas plataformas online, desde conteúdos multimédia até ao jornalismo de dados, como vimos anteriormente. Durante a Declaração do Estado de Emergência (DEE), os meios privilegiados no acesso às fontes foram as chamadas telefónicas e o contacto via correio eletrónico (Camponez *et al.*, 2020).

Apoiando-se em Brum e Barbosa, Rodrigues e Blattmann (2014) enumeram dez formas de conseguir chegar à fonte através dos meios digitais: listas de discussão, correio eletrónico, *newsletters*, e-mail marketing, salas de *chat*, mensagens instantâneas (WhatsApp, Messenger...), locais de busca ou ferramentas de busca, intranets, extranets e os próprios sites online.

O uso destas ferramentas não é novo, mas aprofundou-se com a necessidade do confinamento. Hoje em dia, “é seguro dizer que a maioria dos jornalistas contemporâneos usa o Twitter e o Facebook para fins profissionais” e que a “internet, e particularmente as redes sociais, permitem que os cidadãos, a

sociedade civil e as elites políticas e empresariais contornem os meios de comunicação de massa tradicionais e se comuniquem diretamente uns com os outros” (Paulussen & Harder, 2014, p. 542).

O teletrabalho, contudo, não foi a única mudança que se registou nas redações dos órgãos nacionais e internacionais. Tratando-se de um dos maiores acontecimentos da história, a agenda mediática passou a estar ao serviço das mais recentes atualizações sobre o vírus – desde o número de novos casos, políticas sanitárias ou planos de vacinação. No recente estudo levado a cabo pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (2020), “39,3% [dos jornalistas] disseram que o tema da covid-19 representou três quartos do seu trabalho e 29% afirmaram que só trataram questões relacionadas com este assunto. Apenas 4,4% dos jornalistas inquiridos referem não ter tratado temas relacionados com a covid-19” (Camponez *et al.*, 2020, p. iii). Este foi o impacto da pandemia na vida de quem faz informação.

## Parte III – Estudo Empírico

### 1. Pergunta de partida

Como pudemos perceber anteriormente, o jornalismo internacional ocupa um lugar de destaque nos média jornalísticos. Esta secção é “provavelmente a área do jornalismo com maior abrangência de temas entre todas as outras, já que deve dar conta de política, economia, cultura, acidentes, natureza e todos os assuntos que aconteçam fora do seu país de origem” (Brasil, 2012, p. 778). Perante esta grande panóplia de temas e subtemas, surge a necessidade de perceber que critérios justificam a entrada de determinado acontecimento na agenda mediática em detrimento de outras histórias. Esta escolha de temas é influenciada, por exemplo, pelo espaço disponível para a publicação do artigo, com especial destaque para as diferenças entre o *online* (que não apresenta limite) e o impresso (em que existe um número de caracteres a respeitar).

Ainda assim, vários autores apontam um conjunto de fatores relevantes para a presença proeminente de governos e territórios na política internacional. Estes podem ser – tal como vimos no enquadramento teórico – o poder económico, as relações culturais, o passado histórico, as fronteiras físicas, entre outros. Sendo assim, e com esta premissa como ponto de partida, surgiu a seguinte pergunta: **“Que países foram notícia na revista Visão durante o ano de 2020?”**. Segundo Quivy e Campenhoudt (1998), a pergunta de partida é o primeiro fio condutor da investigação e, como tal, deve estar dotada de qualidades que assegurem a sua clareza, exequibilidade e pertinência.

Posto isto, é importante salientar que esta questão foi-me acompanhando ao longo da vida, desde que comecei a ler e a assistir a notícias. Reparava, recorrentemente, na presença assídua dos mesmos países nos média nacionais e perguntava-me de que maneira a agenda se viciava com um sistema que beneficiava determinados territórios e personalidades e de que forma esse ciclo perpetuava estereótipos geográficos, sociais e económicos.

Durante o período de estágio, em que o teletrabalho reinou, a escrita de novos artigos passava maioritariamente por pesquisar novos acontecimentos e factos internacionais: uma secção que já lida há muito tempo com as fontes *online*, principalmente através de órgãos estrangeiros. Nesse sentido, depois de me adaptar à linha editorial da revista Visão, percebi que existem países com maior nível de “aceitação” por parte das editorias. Da minha experiência pessoal, posso afirmar que quase metade dos conteúdos assinados por mim para a secção Mundo foram sobre os EUA – um número que também se

justifica pelas eleições presidenciais de 3 de novembro e das polémicas sucessivas de Trump, motivadas principalmente pela alegação de fraude eleitoral.

No entanto, o *online* sempre foi uma plataforma disponível para receber vários artigos, muitas vezes sem a triagem que se espera para a revista, cujos textos internacionais tendem a ser mais desenvolvidos e com a presença de um maior número de fontes. Esta experiência pessoal, de um jornalismo centralizado nos EUA no digital, fez-me questionar como seria a composição da revista semanal deste órgão de comunicação: se seguiria a mesma regra, se haveria mais diversidade e se respeitava a agenda mediática internacional do momento. Foi assim que decidi começar a analisar todas as publicações deste periódico, com início no mês de março de 2020, visto que todo o cenário jornalístico mudaria a partir dessa data – estávamos perante o primeiro caso confirmado de covid-19 em Portugal – e até dezembro do mesmo ano.

## 2. Objetivos e hipóteses

De forma a perceber a escolha da metodologia e da recolha e análise de dados, este trabalho tem como pano de fundo os seguintes objetivos:

- Identificar os temas internacionais mais suscetíveis de se tornarem notícia na revista Visão;
- Entender que zonas do globo são mais mediatizadas e com que notícias;
- Conferir se os países mais ricos/com mais poder têm maior atenção por parte dos jornalistas;
- Identificar que tipo de fontes são mais utilizadas nas notícias internacionais;
- Perceber de que forma as regiões geográficas são representadas nos textos noticiosos;
- Avaliar o peso da pandemia e da covid-19 na agenda internacional da revista.

Com os objetivos definidos, passamos às hipóteses. Podemos definir a hipótese como uma “resposta possível de ser testada e fundamentada para uma pergunta feita relativa ao fenómeno escolhido”. A partir daqui, “o pesquisador examina a literatura sobre o fenómeno e obtém a maior quantidade de conhecimento possível para responder ao problema formulado” (Richardson, 1999, p. 27). O mesmo autor sublinha ainda a importância de a hipótese ser rejeitada.

Quivy e Campenhoudt (1998) explicam que as hipóteses permitem limitar a investigação, ou seja, representam o caminho a seguir de entre uma infinidade de dados. A partir daqui, segundo estes teóricos, o trabalho pretende confrontar as hipóteses com os dados da observação. O objetivo é, portanto, testar estas premissas. Nesta investigação, foram formuladas as seguintes hipóteses:

**H1.** Os países considerados mais ricos e poderosos, associados principalmente ao hemisfério norte, têm maior destaque nos textos noticiosos da revista Visão.

**H2.** As eleições americanas de 3 de novembro de 2020 foram um dos temas mais abordados nos artigos da mesma revista nos meses em análise.

**H3.** Os países mais pobres e menos poderosos, associados principalmente ao hemisfério sul, são pouco ou nada mediatizados.

**H4.** Os países mais ricos e poderosos ocupam mais páginas da revista Visão.

**H5.** Os textos de não-produção própria recorrem a mais fontes, uma vez que têm oportunidade de ir ao local.

**H6.** Devido às limitações de proximidade, os jornalistas das notícias internacionais publicadas recorrem sobretudo a fontes citadas noutros média ou às redes sociais.

### **3. Caminhos metodológicos**

#### **3.1. *Corpus* e análise de conteúdo quantitativa**

Procurou-se, neste trabalho, perceber que temas internacionais foram notícia em várias edições da revista *Visão*, nomeadamente entre os meses de março de 2020 (altura em que o primeiro caso de infeção por covid-19 foi diagnosticado em Portugal) e dezembro do mesmo ano. Para este efeito, recorreu-se à amostragem não-probabilística acidental dos textos internacionais que integram a parte principal da revista *Visão*. Este processo resultou na recolha de 73 artigos noticiosos: 62 de produção própria e 11 de produção estrangeira.

De forma a responder à pergunta de partida, o caminho metodológico escolhido foi a análise de conteúdo, que, segundo Caregnato e Mutti (2006), surgiu no século XX nos EUA. A meio do século, o crescimento do interesse por política fez explodir o recurso à técnica por parte dos teóricos, principalmente na época das guerras mundiais. “A metodologia foi criada especialmente para sintetizar e compreender o conteúdo dos argumentos utilizados por jornais e propagandas inimigos, e, somente após isso, passou a ter aplicação em estudos académicos de comunicação política” (Carlomagno & Rocha, 2016, p. 174). Moraes (2009) distingue-a da seguinte forma:

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (Moraes, 1999. p. 8)

Chizzotti (2000) vai ao encontro de Moraes e afirma que esta técnica “procura reduzir o volume amplo de informações contidas numa comunicação a algumas características particulares ou categorias concetuais que permitam passar dos elementos descritivos à interpretação ou investigar a compreensão dos atores sociais no contexto cultural em que produzem informação” (p. 99).

Como podemos perceber, esta técnica pode ainda ser quantitativa ou qualitativa: a primeira foca-se na frequência de determinadas características ao longo do texto e a segunda evidencia a presença ou ausência dessas características (Caregnato & Mutti, 2006). Neste trabalho, recorreremos à análise de conteúdo quantitativa. De uma forma geral, podemos afirmar que “a abordagem quantitativa se caracteriza pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na recolha como no tratamento de dados” (Raupp & Beuren, 2006, p. 92). Fernandes e Gomes (2003) concordam com os teóricos anteriores e



caracterizam a pesquisa quantitativa como “generalizações [feitas] pela recolha, exame e análise de dados específicos”. Para isto, “utiliza-se análise estatística, particularmente empregando probabilidades para demonstrar significância (p. 19).

Assim, poderemos dividir esta investigação em dois momentos: a análise do acontecimento internacional e a análise das fontes que serviram como interlocutor de comunicação. Apoiados em vários autores, Campos e Turato (2009) refletem sobre a importância das categorias na investigação científica:

Em relação à formação das categorias, realizada a partir dos tópicos emergentes nas releituras, ou unidades de análise ou temáticas, basicamente ela pode ser configurada segundo critérios de *relevância*. O termo *relevância* denota um tema importante que, embora não apresente repetição numérica entre os relatos, a sua importância para responder às hipóteses inicialmente formuladas mostra-se de grande potencial e riqueza para o desenvolvimento de conhecimentos novos, garantindo, por si só, material consistente para maior aprofundamento do fenómeno. (Campos & Turato, 2009, p. 4)

Assim, numa primeira fase, pudemos definir os seguintes componentes e variáveis para a categorização da primeira parte dos acontecimentos internacionais e textos noticiosos.

Componentes	Variáveis	
<b>Tema e subtema</b>	Política	Decisões
		Eleições
	Sociedade	Catástrofes/Terrorismo
		I&D
		Ambiente
		Saúde
		Revoltas Sociais
		Tecnologia
		Religião
		Justiça
	Economia	Crise Económica
		Corrupção

		Distribuição da Riqueza
		Impacto da Pandemia
	Cultura	Música
		Televisão
<b>Geografia</b>	Continente de origem	
	País de origem	

**Tabela 1** - *Categorização dos acontecimentos noticiosos*

A definição dos temas e subtemas surgiu após a análise dos dados com o intuito de compreender que tipo de notícias e artigos marcavam a agenda de uma revista portuguesa semanal. Encaixaram-se, em Política, todos os artigos que se relacionassem com tomadas de decisões, como as medidas adotadas pelos governos para travar a pandemia, e com os atos eleitorais, especialmente porque o intervalo temporal apanhou as eleições presidenciais americanas. Para secção de Sociedade foram enviados os variados temas que compõem quotidianamente a vida social e que marcaram a agenda daquele período, destacando-se, por exemplo, as revoltas sociais nos EUA ou na Bielorrússia. A Economia ganhou também especial destaque neste diretório devido ao impacto da pandemia no setor e às consecutivas soluções de que se iam falando nos média. Por fim, embora com menos frequência, a Cultura também marcou presença com entrevistas e perfis jornalísticos de figuras da música e da televisão.

A geografia, como não poderia deixar de ser, diz respeito ao local de origem dos factos retratados. A decisão de incluir o país – além do continente – foi tomada em consonância com o número de peças jornalísticas: por se tratar de uma amostra relativamente pequena, convém perceber se existem países com mais atenção mediática dentro do mesmo continente, como América do Norte e Sul ou Europa de Leste e Ocidental.

<b>Componentes</b>	<b>Variáveis</b>
<b>Extensão do texto</b>	Pequeno
	Médio
	Grande
<b>Género jornalístico</b>	Notícia
	Reportagem

	Entrevista
	Perfil
<b>Tipo de produção</b>	Própria
	Não-própria

**Tabela 2** – *Categorização dos textos noticiosos*

Para a extensão do texto foi criado um critério de tamanho com base no número de páginas: uma ou menos páginas representa uma extensão pequena; de duas a três páginas estamos perante um artigo médio e quatro ou mais páginas é considerado uma peça grande. O tamanho permite entender e avaliar que temas e países estão predispostos a ter mais destaque dentro da publicação jornalística. Já o género respeitou os quatro tipos mais comuns na comunidade jornalística: notícia, entrevista, reportagem e perfil. Por fim, o tipo de produção diz-nos se o texto é original (criado por algum jornalista da Visão) ou se é traduzido de um órgão estrangeiro, como acontece com algumas produções da revista americana TIME.

É relevante salientar ainda que o processo de identificação e categorização sofreu várias mudanças ao longo da recolha dos dados, uma vez que falamos de um procedimento dinâmico. Essa adaptação permitiu melhorar o estudo e, assim, dotá-lo de maior rigor. Depois disto, recorreu-se ao *software* de estatística *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) para a respetiva análise de dados, mas, antes foram ainda analisadas as fontes de informação.

Posto isto, seguiu-se a definição das componentes e variáveis para avaliar o peso das fontes nas notícias internacionais da revista. Esta análise permite perceber que interlocutores são mais utilizadas neste género jornalístico e se se recorre mais a fontes diretas, como cidadãos, fontes oficiais e profissionais, ou a fontes indiretas, como média estrangeiros ou redes sociais. O universo fixou-se nas 374 fontes ao longo dos 73 textos noticiosos. Sendo assim, os interlocutores foram divididos seguindo as seguintes definições:

<b>Componentes</b>	<b>Variáveis</b>
<b>Oficiais</b>	Governamental
	Autarcas
	Assessores/porta-vozes
	Deputados
	Autoridades sanitárias
	Autoridades policiais
	Organizações internacionais
	Não identificado
	Outros
<b>Profissionais</b>	Investigador/académico
	Médico
	Enfermeiro
	Economista
	Empresários/gestores/administradores
	Sindicatos/associações
	Fundações/organizações
	Justiça
	Religião
	Campanhas eleitorais
	Profissionais da cultura
	Outros
<b>Não profissionais</b>	Ativistas
	Estudantes
	Reformados
	Militantes
	Outros
<b>Cidadão</b>	Desconhecido
	Figura pública
	Outros

<b>Documentos</b>	Comunicados
	Oficiais
	Especializados
	Outros
<b>Média</b>	Tradicionais
	Redes sociais
	Sites
	Outros
<b>Fontes não humanas</b>	
<b>Outros</b>	

**Tabela 3** - Estatuto da fonte de informação

A escolha das componentes e variáveis foi tomada tendo em conta a posição em que a fonte foi citada, destacando-se, principalmente, a sua profissão ou o cargo que ocupa. Deste modo, as fontes oficiais caracterizam-se por agregar interlocutores que prestam informações oficiais e/ou de Estado, como presidentes, autarcas, assessores, membros do Governo, autoridades locais e nacionais, entre outros. As fontes profissionais dizem respeito justamente à sua profissão, que lhes confere um grau de especialização face às fontes não profissionais. Os cidadãos, como indica a tabela, são fontes citadas como cidadãos comuns ou figuras públicas. Os documentos e média assumem-se, principalmente, como fontes indiretas, em que se recorre a fontes documentais e redes sociais para recolher informações.

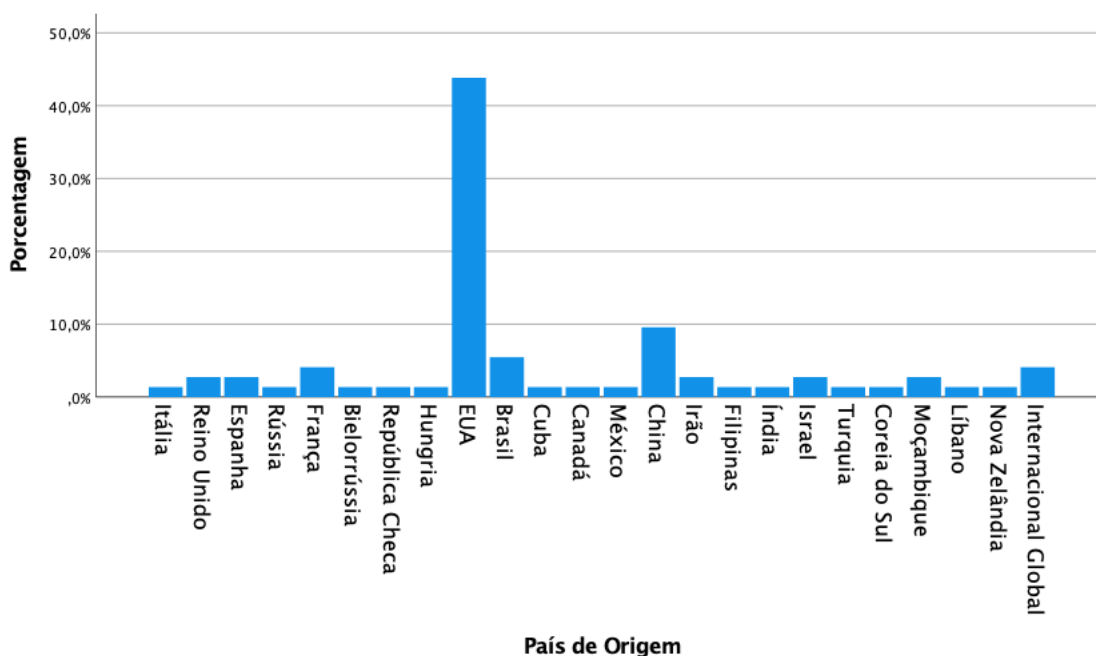
Tal como aconteceu na primeira fase, a definição das componentes e variáveis das fontes foram sofrendo alterações ao longo do processo, de forma a tornar o estudo mais abrangente, claro e completo. Os dados foram, então, transportados para o SPSS e passamos, assim, para a respetiva análise de resultados.

#### 4. Apresentação de resultados

Após a introdução dos dados em programa específico (SPSS), segue-se a apresentação dos resultados das variáveis anteriormente discriminadas e uma sucinta interpretação. Foram escolhidas componentes que, de facto, acrescentassem valor ao trabalho e que pudessem fazer refletir sobre a pergunta de partida e respetivas hipóteses.

##### 4.1. EUA como país líder na noticiabilidade internacional

A maioria dos 73 artigos foram devidamente localizados em países específicos – os mais vagos ou os que não apresentavam uma geografia clara, como aqueles que noticiavam tratados ou associações com várias sedes, foram incluídos numa categoria criada para o efeito: Internacional Global. Destaca-se, com larga vantagem, a presença dos EUA nas notícias da revista Visão, sendo que quase metade dos artigos foram referentes a este país. Como referido anteriormente, esta conclusão já era esperada devido, principalmente, às eleições americanas de 3 de novembro – as edições imediatamente a seguir a essa data (5 e 12 de novembro) contaram com um número superior de notícias sobre o novo presidente e futura equipa governamental. O tema dos textos será falado posteriormente.



**Figura 1** - Países representados nas notícias

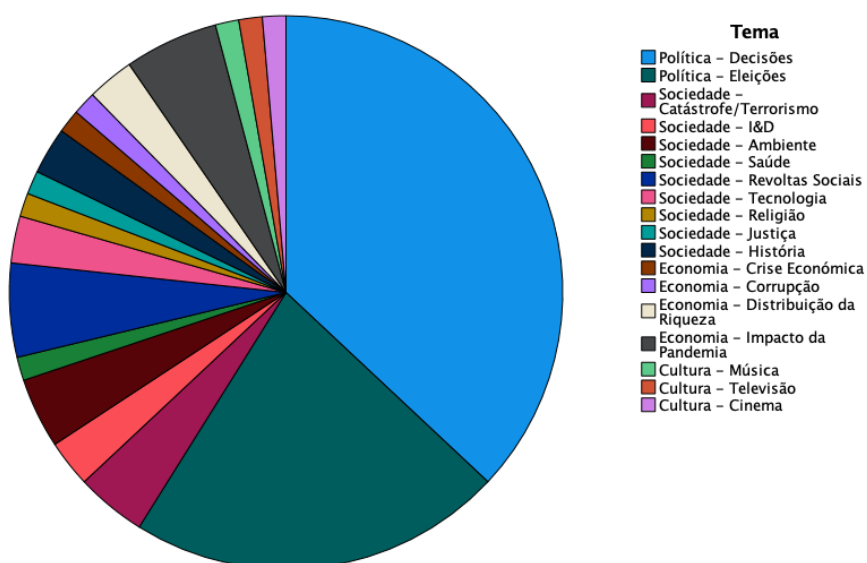
A China segue-se como o segundo país mais abordado nas notícias da Visão num ano marcado por uma pandemia com origem em território chinês. As sucessivas informações prestadas pelo governo deste país asiático e a atualização do estado da doença foram fulcrais no jornalismo em geral e também neste órgão de comunicação. O Brasil fecha o pódio com as negligências apontadas ao governo no combate à propagação do vírus e às diversas polémicas de Bolsonaro.

O primeiro país europeu surge apenas em quarto lugar, colocando em causa a teoria de que a proximidade é um dos fatores mais relevantes no jornalismo internacional. Ainda assim, num ano tão atípico como o de 2020, outros fatores surgiram como preponderantes na altura de decidir os temas a tratar pelos jornalistas.

América do Norte, Ásia e Europa lideram como os (sub)continentes mais referenciados nas notícias e com hegemonia mediática. As restantes zonas geográficas (América Central, América do Sul, África e Oceânia) contam com menos de 10 países representados por cada continente. A título de curiosidade, África aparece apenas em dois trabalhos (ambos de Moçambique). E mesmo assim, todos eles dizem respeito à categoria de Sociedade – Catástrofes/Terrorismo.

#### 4.2. Política marca a agenda em mais de metade dos acontecimentos

A política continua a ser um dos campos de maior mediatização por parte dos órgãos de comunicação social portugueses. Nos dez meses analisados, a secção de política representou mais de metade dos artigos publicados na revista física da Visão – quase de 60% dos textos.



**Figura 2 - Temas retratados nas notícias**

Ainda assim, a variável de Política – Decisões destaca-se consideravelmente devido, principalmente, às diversas decisões governamentais sobre a situação pandémica no mundo (37%). A variável referente a Política – Eleições surge no segundo lugar em virtude da elevada mediatização das eleições americanas: como observamos anteriormente, os EUA foram o país que mais marcaram a agenda internacional da revista Visão nos meses de 2020.

O pódio fecha com um empate entre a Economia – Impacto da Pandemia e Sociedade – Revoltas Sociais. O primeiro tema, como não poderia deixar de ser, coloca o campo da economia como uma das principais responsabilidades futuras das nações no combate à crise causada pela covid-19; já a segunda variável diz respeito, principalmente, ao caso de racismo policial em torno do homicídio de George Floyd, por parte das forças de segurança americanas, e que levou o mundo a refletir sobre a problemática.

#### **4.3. Temas sociais: pouco falados, mas com destaque no número de páginas**

Num periódico jornalístico de periodicidade semanal, o número de páginas está definido para cada peça e, nesse sentido, pressupomos que existem planos editoriais que dão maior destaque a uns temas do que a outros. Nestes dez meses de análise, os trabalhos de jornalismo internacional arrecadaram grandes textos em termos de tamanho, com 43% deles a somarem cinco ou mais páginas cada um. No entanto, destaca-se também uma grande presença de textos pequenos (até duas páginas). Isto pode ser explicado, principalmente, pelas sucessivas formas de tentar fazer pontos de situações da pandemia no mundo: falou-se de mais países, com mais frequência, mas com menos profundidade.

Este facto também pode ser comprovado, por exemplo, pelo facto de a maioria dos artigos referentes a Política – Decisões (que se focaram maioritariamente nas medidas adotadas pelos governos no combate à pandemia) encaixarem na categoria de pequenos textos. As eleições americanas voltaram a ganhar também na extensão do trabalho.



Tema		Extensão do texto			Total
		Pequeno	Médio	Grande	
Tema	Política – Decisões	20	2	5	27
	Política – Eleições	2	3	11	16
	Sociedade – Catástrofe/Terrorismo	0	0	3	3
	Sociedade – I&D	1	1	0	2
	Sociedade – Ambiente	0	2	1	3
	Sociedade – Saúde	0	1	0	1
	Sociedade – Revoltas Sociais	0	0	4	4
	Sociedade – Tecnologia	0	1	1	2
	Sociedade – Religião	0	0	1	1
	Sociedade – Justiça	0	1	0	1
	Sociedade – História	0	1	1	2
	Economia – Crise Económica	1	0	0	1
	Economia – Corrupção	0	1	0	1
	Economia – Distribuição da Riqueza	0	0	2	2
	Economia – Impacto da Pandemia	2	1	1	4
	Cultura – Música	0	1	0	1
	Cultura – Televisão	0	0	1	1
	Cultura – Cinema	0	0	1	1
	<b>Total</b>		26	15	32

**Tabela 4 - Cruzamento de dados entre o tema e a extensão do texto**

Se olharmos os dados, percebemos que existem partes do globo que foram silenciadas, fruto das decisões editoriais e do *gatekeeping* dos jornalistas. Ainda assim, é interessante perceber que todos os artigos que falaram de revoltas sociais (como o caso de George Floyd ou dos confrontos bielorrussos) e de catástrofes/terrorismo (como o ponto de situação da tempestade Idai em Moçambique) tiveram grande destaque na revista – todos foram textos de grande dimensão.

#### **4.4. Notícias de produção estrangeira recorrem a um maior número de fontes**

As fontes continuam a ser importantes no processo jornalístico. Como vimos no início, para muitos autores, são estes intervenientes que dotam o texto de credibilidade. Na tabela seguinte, conseguimos perceber que o recurso às fontes de informação são uma constante, pelo menos em 65 dos 73 artigos publicados – todos os textos sem fontes foram escritos por jornalistas da Visão. Em contrapartida, todos os 11 trabalhos de produção estrangeira recorrem à citação de, pelo menos, uma fonte de informação.

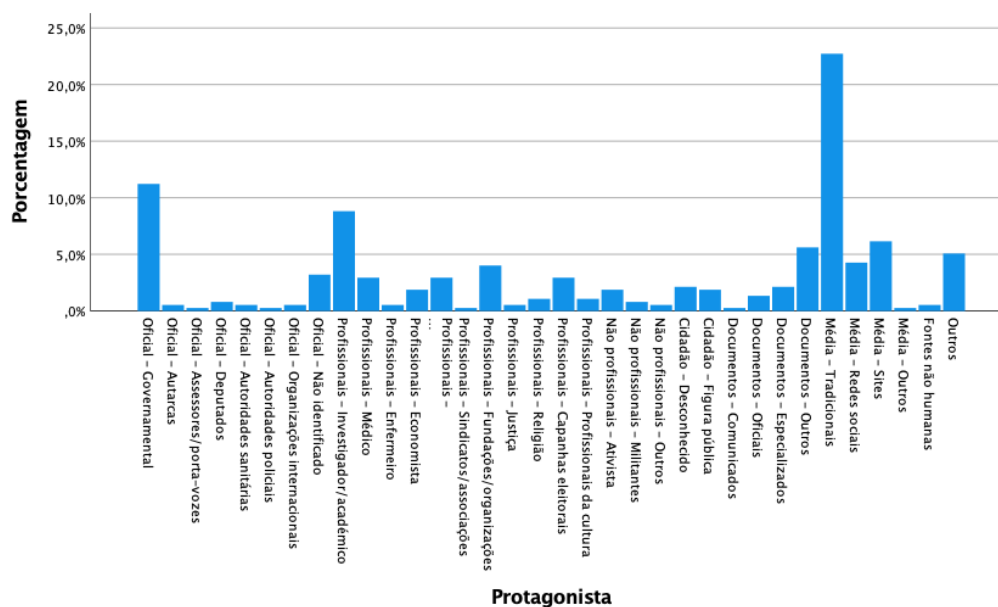
Tipo de produção		Número de Fontes								Total
		0	1	2	3	4	5	6-9	10+	
Própria	Própria	8	13	10	4	5	4	11	7	62
	Não-própria	0	1	0	0	0	1	2	7	11
Total		8	14	10	4	5	5	13	14	73

**Tabela 5 - Cruzamento de dados entre o tipo de produção e o número de fontes**

Ainda assim, são os textos de outros meios internacionais, como a TIME, que utilizam mais fontes nos seus artigos. Dos 11 artigos estrangeiros registados, 7 deles possuem mais de 10 fontes – algo que pode ser justificado pelos teóricos através da proximidade geográfica dos jornalistas às fontes de informação ou o acesso a documentos nacionais com maior facilidade. Já a Visão, embora contenha um grande número de notícias com seis ou mais fontes, metade delas possuem apenas dois, um ou nenhum interveniente na peça jornalística. Nenhum dos artigos estrangeiros foi publicado com zero citações.

#### 4.5. Nas notícias internacionais, são outros órgãos as fontes mais citadas

Já aqui refletimos sobre os constrangimentos que afetam o trabalho do jornalista internacional. A partir da redação, o contacto com fontes primárias torna-se uma das maiores dificuldades da secção – às vezes, até é impossível. Com isso em conta, percebemos que as fontes de muitos jornalistas dos órgãos nacionais acabam por ser encontradas noutros meios de comunicação social. Nesta análise, os média tradicionais (jornais impressos ou online, rádio e televisão) foram, de longe, as fontes mais utilizadas nas notícias da Visão. Quase um quarto das citações eram de outros órgãos estrangeiros.



**Figura 3 - Tipo de fontes**

Se o primeiro lugar é ocupado por fontes secundárias, o segundo posto diz respeito a intervenientes governamentais, como presidentes da República, ministros ou secretários de Estado. Com pouco menos de 10%, seguem-se os investigadores/académicos. Os documentos, as redes sociais e os sites aparecem a seguir numa era cada vez mais digital. O recurso a *tweets*, por exemplo, foi um método muito utilizado nos trabalhos jornalísticos.

Num ano marcado pela pandemia, os médicos não ficaram no pódio das fontes mais requisitadas pelos jornalistas deste meio nas notícias internacionais. Esses profissionais surgem apenas em nono lugar em 34 categorias (empatados com os empresários/gestores/administradores e profissionais das campanhas eleitorais): foram registados 11 intervenientes.

Em matéria de geografia, é impossível negar a hegemonia das fontes norte-americanas. Se somarmos com as da Europa, passam a representar quase 85% dos intervenientes. América do Central e Oceânia, por exemplo, perfazem apenas cinco fontes citadas.

Continentes da fonte	Estatuto									Total
	Oficial	Profissional	Não profissional	Cidadão	Documentos	Média	Fontes não humanas	Outros		
Europa	17	25	2	1	7	34	0	1	87	
América do Norte	33	55	7	11	27	79	1	13	226	
América Central	0	0	1	0	0	2	0	0	3	
América do Sul	7	6	0	0	1	3	1	1	19	
Ásia	8	6	0	0	2	2	0	3	21	
África	0	8	2	3	0	0	0	0	13	
Oceânia	0	0	0	0	0	2	0	0	2	
Internacional Global	0	1	0	0	0	2	0	0	3	
<b>Total</b>	<b>65</b>	<b>101</b>	<b>12</b>	<b>15</b>	<b>37</b>	<b>124</b>	<b>2</b>	<b>18</b>	<b>374</b>	

**Tabela 6 - Cruzamento de dados entre o continente da fonte e o estatuto**

## 5. Considerações gerais sobre o estudo empírico

Após a interpretação dos dados, conseguimos responder, de forma clara, à pergunta de partida mencionada no início do estudo empírico. É preciso, no entanto, ressaltar que o período em análise não pode ser dissociado dos temas e países representados neste estudo, uma vez que existiram circunstâncias atípicas que marcaram a agenda mediática de 2020.

Posto isto, a pandemia e as eleições de 3 de novembro colocaram os EUA num lugar de destaque nas notícias da revista *Visão* – quase metade dos textos aludem a este território. Além do maior número de trabalhos publicados, este país norte-americano soma ainda o maior volume de fontes consultadas e o maior número de artigos estrangeiros traduzidos publicados. Já longe do primeiro lugar, a China foi também dos países mais falados nesta publicação semanal. Considerado o país de origem do vírus, o território ganhou destaque no início da pandemia, quando as atualizações sobre o estado de saúde pública se revelaram importantes para outros países. Neste sentido, percebemos o porquê de a política se ter destacado facilmente dos restantes temas e subtemas, tal como mostra a figura 2.

Em relação às hipóteses, podemos agora afirmar com mais segurança que os países desenvolvidos dominaram, de facto, a agenda mediática deste periódico. Os EUA e a Europa, somando-se ainda a China, foram as zonas geográficas com mais implicação jornalística neste período. O Brasil, aqui associado ao hemisfério sul (que segundo os teóricos terá menor poder de mediatização), surge num lugar cimeiro, o que pode ser justificado pelas relações culturais e históricas durante o processo de decisão jornalística. Além disso, o carácter disruptivo do governo de Bolsonaro não pode ser também ignorado.

África, América do Sul e Central e Oceânia aparecem muito pouco representadas nas notícias internacionais. Ainda assim, houve temas e regiões, como a África, que, embora tivessem sido pouco falados, adquiriram destaque em número de páginas.

Sobre a hipótese de que os textos estrangeiros, como a *TIME*, utilizam mais fontes diretas, os dados confirmam justamente que, em geral, os trabalhos de outros órgãos recorrem a mais citações e intervenientes. Isto pode ser justificado, por exemplo, através da sua proximidade geográfica, que facilita o acesso.

Ainda assim, uma das conclusões empíricas mais relevantes prende-se com o recurso a fontes indiretas, como outros média, redes sociais ou sites, por parte dos jornalistas desta revista. Através dos dados, podemos corroborar a hipótese de que os média tradicionais estrangeiros representam, sem dúvida nenhuma, o maior volume de fontes citadas pelos jornalistas desta revista. No entanto, é preciso esclarecer também que as redes sociais, apesar do seu emergente aumento nos dias de hoje, não ocupam sequer o top cinco.

## **Parte IV – Conclusão**

Com o jornalismo como parte integrante da sociedade, percebemos que é impossível para a informação ser apenas um espelho na vida das pessoas: os média possuem poder na construção social da realidade. Speakman e Funk (2020) explicam justamente que as escolhas do enquadramento noticioso alteram a maneira como vemos o mundo, uma vez que os jornalistas dão destaque a certos aspetos da realidade ao mesmo tempo que ignoram outros. É por isso que, ao “definir essa realidade, repetida e deliberadamente, em última análise, se cria hegemonia em relação a um determinado problema, população ou cobertura” (Speakman & Funk, 2020, p. 658). Neste trabalho, observamos, em termos noticiosos, os EUA como essa potência hegemónica face a outros países e a América do Norte face a outros continentes.

É preciso compreender, no entanto, que o destaque dos EUA na revista *Visão* não é exclusiva deste periódico, nem acontece apenas em Portugal. De uma forma geral, podemos inferir que “o fluxo de informações transnacionais é um reflexo e um constituinte do sistema global mais amplo, que, por sua vez, é estruturado de forma latente pela política, economia e cultura do mundo” (Wu, 2000, p. 111). Wu (2003) vai mais longe na sua investigação e traça um conjunto de características que levam certos países a recolher a atenção mediática mundial. Esses critérios, denominados pelo próprio como fatores sistémicos, são o volume de comércio, o tamanho territorial, os laços culturais, os recursos de comunicação e a distância física. De uma forma superficial, é possível afirmar que estas são as características fundamentais que motivam a hegemonia norte-americana no sistema noticioso da Europa Ocidental.

Como já vimos, a Europa e América do Norte são os subcontinentes mais abordados nesta amostra – o que nos leva a refletir sobre a representação de tantos outros países. Mesmo dentro da Europa, o Leste foi completamente ignorado na sua mediatização. Ora, apesar de os países em desenvolvimento melhorarem cada vez mais as respetivas infraestruturas de comunicação e informação, a verdade é que um dos motivos que leva à sua sub-representação pode ser a forma como as agências de comunicação lidaram com essas regiões no passado. Isto acontece porque os países desenvolvidos do Ocidente sempre foram os maiores clientes das agências de comunicação (Wu, 2003). Para muitos teóricos, é possível afirmar que o hábito de há décadas se mantém até hoje.

Percebemos que, de facto, existem países que possuem predisposição para a liderança mediática, como é o caso dos EUA, e assim permanecem como protagonistas das notícias internacionais. No entanto, é

relevante e necessário frisar que o segundo lugar é ocupado por um país asiático, mas que não deixa de representar um território desenvolvido – a covid-19 apontou os holofotes para a China e marcou a agenda da mesma forma. Apesar de as eleições norte-americanas se apresentarem como um gatilho, os EUA há muito que assumem o pódio das nações mais mediatizadas em Portugal e no mundo.

Com isto, posso afirmar que, apesar de o estágio ter acontecido num período de tempo tão pequeno, existiram certas considerações que me levaram a perceber melhor a mediatização dos países – corroborando as reflexões de vários teóricos sobre a hegemonia mediática. Durante os três meses de trabalho foi-me dada uma grande liberdade de atuação: podia escrever para as diferentes secções e propor qualquer tema, desde que se encaixasse na linha editorial da publicação. Sabia, desde cedo, que a participação na revista física traria mais dificuldades devido à necessidade de uma maior organização de espaço e de tempo. Encontrei no online da Visão uma grande escola de aprendizagem, que me pôde colocar à prova na escolha de temas, fontes e ângulos. O teletrabalho levou-me (ainda mais) para a secção de Mundo, pela facilidade de chegar às fontes a partir de casa. Por este motivo, foi possível para perceber as diferenciações de regiões. Tentei, algumas vezes, abordar temas e territórios que os meios de comunicação *mainstream* insistem em ignorar, principalmente referentes a África, como a Nigéria ou o Líbano. Ainda assim, a Visão deu-me oportunidade de oferecer um palco a crises políticas e de direitos humanos noutros países frequentemente sub-representados, como Myanmar, Arábia Saudita, Peru ou Tailândia.

Além do volume de notícias, esta investigação permitiu perceber os temas mais valorizados pelos jornalistas da Visão, mas também traçar algumas diferenças entre o jornalismo português e o jornalismo estrangeiro – como se pode ver pelas peças jornalísticas traduzidas e publicadas –, destacando-se os intervenientes ouvidos nos textos. A verdade é que, em relação às fontes, é possível afirmarmos que o jornalismo internacional também se tem reinventado. O acesso universal à internet possibilitou uma enorme aproximação dos jornalistas às respetivas fontes de informação, sejam elas diretas (através de chamadas telefónica, e-mails ou chamadas de vídeo) ou indiretas (redes sociais ou jornais estrangeiros). Os média estrangeiros foram, em larga escala, as fontes mais utilizadas no período em análise.

Esta foi também uma das mais importantes conclusões vividas na primeira pessoa durante o estágio curricular. Em vários momentos, tentei enriquecer as peças jornalísticas internacionais com fontes diretas. Sabia que não seria fácil: estamos noutro país e, em contexto pandémico, a principal forma de contacto é o e-mail ou as redes sociais. Através destas últimas foi possível chegar a alguns dos

intervenientes que cito nos textos. Desde o especialista em política iraniana e americana até ao refugiado birmanês: a internet aproximou o jornalista da fonte. Apesar da maior facilidade de contacto, o acesso continua muito complicado e, por vários momentos, acabei por fechar notícias apenas com outros órgãos de comunicação como fontes devido à dificuldade em contactar determinadas pessoas.

Os constrangimentos económicos (como a falta de recursos, carência de verbas para viagens ou quebra nos quadros de pessoal) também influenciam o papel dos jornalistas internacionais e dos enviados especiais. Em relação ao passado, os profissionais desta secção ocupam, hoje, o lugar de redatores: escrevem a partir das redações, com recurso à internet, outros média ou agências de informação. Ainda assim, apesar das diferenças que se têm vindo a enunciar neste trabalho, o jornalismo internacional ainda é uma importante fonte fidedigna sobre aquilo que se passa no mundo. E a pandemia de covid-19 veio reforçar essa posição.

Sobre a influência do coronavírus neste meu trajeto profissional, foi particularmente ingrato saber que muito dificilmente haveria reportagens para fazer ou que viveria o frenesim da redação. Olhando para trás, e sabendo que a maior parte do estágio foi realizado em casa, tudo isso nos faz refletir sobre o papel do jornalista em momentos de crises sanitárias – é preciso manter distanciamento, mas não podem deixar de ir aos locais de interesse público; podem não estar em convívio físico com os colegas, mas é imperativo manter o contacto telefónico; pode existir um abrandamento no trabalho de muitos profissionais de outras áreas, mas as notícias não dão férias nem pausas. Em suma, a pandemia até pode ter tentado colocar um travão a muitas atividades, mas só deu mais trabalho aos jornalistas e motivou uma maior adaptação destes profissionais às circunstâncias atuais. Em última análise, esta nova fase foi uma aprendizagem para todos.

Posto isto, podemos compreender que esta investigação não foi (nem pretendia ser) exaustiva e profunda. Para uma melhor reflexão sobre a hegemonia noticiosa, seria necessário analisar mais órgãos de comunicação, mais notícias e um período de tempo mais longo. Ainda assim, acredito que se trate de um trabalho que cumpriu as suas exigências: apresentou ideias teóricas sobre o jornalismo internacional e permitiu ser um ponto de partida para refletir com mais profundidade sobre a representação dos países nas notícias internacionais de órgãos portugueses.



## Bibliografia

- Aguiar, P. (2008). Um Mundo e Poucas Vozes: jornalismo internacional, novas tecnologias e democratização da comunicação. *Cadernos da Comunicação*, 20, 1-37. Retirado de [https://www.academia.edu/25246396/Um\\_Mundo\\_e\\_Poucas\\_Vozes\\_jornalismo\\_internacional\\_novas\\_tecnologias\\_e\\_democratiza%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_comunica%C3%A7%C3%A3o](https://www.academia.edu/25246396/Um_Mundo_e_Poucas_Vozes_jornalismo_internacional_novas_tecnologias_e_democratiza%C3%A7%C3%A3o_da_comunica%C3%A7%C3%A3o)
- Aldwairi, M., & Alwahedi, A. (2018). Detecting Fake News in Social Media Networks. *Procedia Computer Science*, 141, 215-222. Retirado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877050918318210>
- Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>
- Bardoel, J., & Deuze, M. (2001). Network Journalism: Converging Competences of Media Professionals and Professionalism. *Australian Journalism Review*, 23(2), 91-103. Retirado de [https://www.researchgate.net/publication/267969191\\_Network\\_Journalism\\_Converging\\_competences\\_of\\_old\\_and\\_new\\_media\\_professionals](https://www.researchgate.net/publication/267969191_Network_Journalism_Converging_competences_of_old_and_new_media_professionals)
- Barros, J. L., & Silvestre, C. (2020). Estatísticas e jornalismo em tempo de pandemia. In R. Paulino, & C. Rodriguez-Hidalgo (Eds.), *Jornalismo, sociedade e pandemia* (pp. 107-134). Aveiro: Ria Editorial. Retirado de <http://www.riaeditorial.com/index.php/jornalismo-sociedade-e-pandemia/>
- Berger, P., & Luckman, T. (2004). *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Besova, A. A., & Cooley, S. C. (2009). Foreign News and Public Opinion: Attribute Agenda-Setting Theory Revisited. *ECQUID NOVI*, 30(2), 219-242. <https://doi.org/10.1080/02560054.2009.9653403>
- Bielsa, E. (2008). The pivotal role of news agencies in the context of globalization: a historical approach. *Global Networks*, 8(3), 347-366. <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2008.00199.x>
- Bomfim, I. (2012). Construindo realidades: uma perspectiva de interação entre Jornalismo e Relações Internacionais interação entre Jornalismo e Relações Internacionais. *Comunicação & Inovação*, 13(25), 29-36. Retirado de [https://www.academia.edu/2126572/Construindo\\_realidades\\_uma\\_perspectiva\\_de\\_intera%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_Jornalismo\\_e\\_Relac%C3%B5es\\_Internacionais](https://www.academia.edu/2126572/Construindo_realidades_uma_perspectiva_de_intera%C3%A7%C3%A3o_entre_Jornalismo_e_Relac%C3%B5es_Internacionais)
- Bomfim, I. E., & Müller, K. M. (2016). Diplomacia Midiática e Jornalismo Internacional: As Notícias Globais no Âmbito da Política Externa. *FSA*, 13(5), 61-79. <http://dx.doi.org/10.12819/2016.13.5.4>
- Bomfim, I., & Aguiar, P. (2019). Ainda poucas vozes: jornalismo internacional, agências de notícias e a busca pela pluralidade. *Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo*, 6(1), 1-4. Retirado de [https://www.academia.edu/40154479/Editorial\\_Ainda\\_poucas\\_vozes\\_Jornalismo\\_Internacional\\_Ag%C3%Aancias\\_de\\_Not%C3%ADcias\\_e\\_a\\_busca\\_pela\\_pluralidade](https://www.academia.edu/40154479/Editorial_Ainda_poucas_vozes_Jornalismo_Internacional_Ag%C3%Aancias_de_Not%C3%ADcias_e_a_busca_pela_pluralidade)

- Boumans, J., Trilling, D., Vliegenthart, R., & Boomgaarden, H. (2018). The Agency Makes the (Online) News World Go Round: The Impact of News Agency Content on Print and Online News. *International Journal of Communication*, 12, 1768–1789. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/7109>
- Bradshaw, P. (2014). Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In J. Canavilhas (Ed.), *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 111-136). Covilhã: Livros LabCom. Retirado de <http://labcom.ubi.pt/livro/121>
- Brasil, A. (2012). A construção da imagem do Brasil no exterior: um estudo sobre as rotinas profissionais dos correspondentes internacionais. *Revista Famecos*, 19(3), 775-794. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2012.3.12901>
- Camponez, C. et al. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19. Relatório*. Lisboa: Sopcom. Retirado de <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44291>
- Campos, C. J., & Turato, E. R. (2009). Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico- qualitativa: aplicação e perspectivas. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 17(2). <https://doi.org/10.1590/S0104-11692009000200019>
- Canavilhas, J. (2014). Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In J. Canavilhas (Ed.), *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 3-24). Covilhã: Livros LabCom. Retirado de <http://labcom.ubi.pt/livro/121>
- Caregnato, R. C., & Mutti, R. (2016). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, 15(4), 679-684. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>.
- Carlomagno, M. C., & Rocha, L. C. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1), 173-188. <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>
- Chizzotti, A. (2000). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Dalmaso, S. C. (2002). Fontes da informação jornalística: natureza e implicações. In *XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador, Bahia: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Retirado de <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/10784826151394373681621397736620408492.pdf>
- Etika, D. (2019). Citizen journalism and it's impacts on professional journalism in progressives soceity: a study of 2019 governorship election in cross river state. *International Journal of Recent Advances in Psychology & Psychotherapy*, 3(1), 13-24. Retirado de <http://art.eurekajournals.com/index.php/JRAPP/article/view/186>

- Fernandes, L. A., & Gomes, J. M. (2003). Relatórios de pesquisa nas ciências sociais: características e modalidades de investigação. *ConTexto*, 3(4), 1-23. Retirado de <https://seer.ufrgs.br/ConTexto/article/view/11638/6840>
- Foust, J. (2017). *Online Journalism: Principles and Practices of News for the Web*. Nova Iorque: Routledge.
- Gadini, S. L. (2007). Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. *Revista FAMECOS*, 33, 79-88.
- Golan, G. (2006). Inter-media agenda setting and global news coverage. *Journalism Studies*, 7(2), 323-333. <https://doi.org/10.1080/14616700500533643>
- Gonçalves, R., & Sanches, L. R. (2018). O Impacto da Linguagem e Multimídia na Editoria de Internacional: um Estudo Comparativo Entre 11 de Setembro e Paris 2015. In *XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Belo Horizonte, Mato Grosso: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Retirado de <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0022-1.pdf>
- Gradim, A. (2000). *Manual de Jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior: Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/gradim-anabela-manual-jornalismo-1.pdf>
- Granado, A. (2021). O texto - Elemento âncora da reportagem. In P. Coelho, A. I. Reis, & L. Bonix (Eds.), *Manual de Reportagem* (pp. 126-145). Covilhã: LabCom. Retirado de <http://labcom.ubi.pt/book/357>
- Guo, L., & Vargo, C. (2017). Global Intermedia Agenda Setting: A Big Data Analysis of International News Flow. *Journal of Communication*, 67, 499–520. <https://doi.org/10.1111/jcom.12311>
- Ha, L. (2020). From Global Pandemic to Research Excellence in Regions Across the Globe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 97(3), 569-572. <https://doi.org/10.1177/1077699020938682>
- Hahn, O., Stalph, F., & Steller, T. (2018). Virtual Foreign Correspondence: Experimental Instructions in Digital Foreign News Reporting. *Journalism & Mass Communication Educator*, 73(1), 4-17. <https://doi.org/10.1177/1077695817745249>
- Ingenhoff, D., Segev, E., & Chariatte, J. (2020). The Construction of Country Images and Stereotypes: From Public Views to Google Searches. *International Journal of Communication*, 14, 92–113. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/10799>
- Jääskeläinen, A., & Yanatma, S. (2019). Case Study 4: Business Model Innovation in Media-Owned National News Agencies. In T. Rantanen, A. Jääskeläinen, R. Bhat, R. Stupart, & A. Kelly (Eds.), *The Future of National News Agencies in Europe* (pp. 17-18). Londres: The London School of Economics and political Science. Retirado de [http://eprints.lse.ac.uk/100062/1/news\\_agencies\\_exec\\_summary.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/100062/1/news_agencies_exec_summary.pdf)

- Lopes, F. (2016). Os jornalistas e os constrangimentos que atormentam a profissão: entre as pressões do mercado e a imposição das fontes de informação. *Estudos de Jornalismo*, 1(6), 70-81. Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/44197>
- Lopes, F., Araújo, R., Magalhães, O., & Sá, A. (2020). COVID-19: quando o jornalismo se assume como uma frente de combate à pandemia. In M. Martins, & E. Rodrigues, *A Universidade do Minho em tempos de pandemia* (pp. 205-233). Braga: UMinho Editora. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.25.11>
- Marthoz, J.-P. (2018). *Journalisme International*. Louvain-la-Neuve: De Boeck Supérieur.
- Martins, C. (2013). *Jornalismo Online: a convergência dos meios*. Obtido em Fevereiro de 2021, de Biblioteca online de Ciências da Comunicação: <http://www.bocc.ubi.pt>
- McConville, B., & Smith, K. (2013). International journalism. Em B. Turner, & R. Orange, *Specialist Journalism* (pp. 50-58). Londres: Routledge.
- Molina, M. D., Sundar, S. S., Le, T., & Lee, D. (2021). "Fake News" Is Not Simply False Information: A Concept Explication and Taxonomy of Online Content. *American Behavioral Scientist*, 65(2), 180–212. <https://doi.org/10.1177/0002764219878224>
- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32. Retirado de [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf)
- Neves, C. (29 de Junho de 2020). "A riqueza do jornalismo está no trabalho em equipa". Obtido de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/pais/-a-riqueza-do-jornalismo-esta-no-trabalho-em-equipa-12366222.html>
- Ngwu, U. I. (2018). News Flow Challenges in the Present World Information Order: a Critical Analysis. *Novena Journal of Communication*, 5, 182-192. Retirado de [https://www.researchgate.net/publication/329702524\\_News\\_Flow\\_Challenges\\_in\\_the\\_Present\\_World\\_Information\\_Order\\_a\\_Critical\\_Analysis](https://www.researchgate.net/publication/329702524_News_Flow_Challenges_in_the_Present_World_Information_Order_a_Critical_Analysis)
- Nikonov, S. B. (2013). Noopolitical Aspect of International Journalism. *Middle-East Journal of Scientific Research*, 17(1), 21-25. Retirado de [https://www.idosi.org/mejsr/mejsr17\(1\)13/5.pdf](https://www.idosi.org/mejsr/mejsr17(1)13/5.pdf)
- Noor, R. (2017). Citizen Journalism vs. Mainstream Journalism: A Study on Challenges Posed by Amateurs. *Athens Journal of Mass Media and Communications*, 3(1), 55-76. <https://doi.org/10.30958/ajmmc.3.1.4>
- Ordóñez, K., Suing, A., Ramón, M., & Carpio, L. (2020). ¿Cómo se modifican los espacios informativos con el Covid-19? In R. Paulino, & C. Rodríguez-Hidalgo (Eds.), *Jornalismo, sociedade e pandemia* (pp. 178-195). Aveira: Ria Editorial. Retirado de <http://www.riaeditorial.com/index.php/jornalismo-sociedade-e-pandemia/>
- Paulussen, S., & Harder, R. A. (2014). Social Media References in Newspapers. *Journalism Practice*, 8(5), 542-551. <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.894327>

- Pavlik, J. v. (2014). ubiquidade: o 7.º princípio do jornalismo na era digital. In J. Canavilhas (Ed.), *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença* (pp. 159 - 184). Covilhã: livros labCom. Retirado de <http://labcom.ubi.pt/livro/121>
- Pellegrini, P. (2008). A atuação das fontes na construção do discurso jornalístico. *Revista Cambiassu*, 4, 269-288. Retirado de [http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2008/paulo.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/paulo.pdf)
- Perreault, M. F., & Perreault, G. P. (2021). Journalists on COVID-19 Journalism: Communication Ecology of Pandemic Reporting. *American Behavioral Scientist*, 00(0), 1-16. <https://doi.org/10.1177/0002764221992813>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rantanen, T. (2019). *News Agencies from Telegraph Bureaus to Cyberfactories*. Obtido em Fevereiro de 2021, de <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-843#acrefore-9780190228613-e-843-div1-1>
- Rantanen, T. (2021). Toward Hybridity? Nationality, Ownership, and Governance of News Agencies in Europe. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 98(1), 263-282. <https://doi.org/10.1177/1077699020923605>
- Raupp, F. M., & Beuren, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências. In I. M. Beuren, *Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática* (pp. 76-97). São Paulo: Atlas.
- Reese, S. D. (2010). Journalism and Globalization. *Sociology Compass*, 4(6), 344-353. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2010.00282.x>
- Ribeiro, V. (2010). Fontes de informação - análise de produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1995 a 2005. *Media & Jornalismo*, 9(17), 231-246. Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/13047>
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editoras Atlas S.A.
- Rochlin, N. (2017). Fake news: belief in post-truth. *Library Hi Tech*, 35(3), 386-392. <https://doi.org/10.1108/LHT-03-2017-0062>
- Rodrigues, C., & Blattmann, U. (2014). Gestão da informação e a importância do uso de fontes de informação para geração de conhecimento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 19(3), 4-29. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/1515>
- Rodrigues, C., & Maia, B. (2019). A longevidade das agências internacionais Reuters e Associated Press em um campo reconfigurado: uma reflexão sobre a credibilidade do jornalismo. *Entremeios*, 1(15), 1-14. Retirado de <http://entremeios.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=146&sid=22>

- Ruellan, D. (2006). Corte e costura do jornalismo. *Líbero*, 18, 31-40. Retirado de <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/704>
- Sakurai, T. (2017). Cultural Factors in the Flow of International News: A Review of the Literature. *SHS Web of Conferences*, 33, 1-7. <https://doi.org/10.1051/shsconf/20173300008>
- Salaverría, R. (2019). Digital journalism: 25 years of research. Review article. *El profesional de la información*, 28(1), 1-27. <https://doi.org/10.3145/epi.2019.ene.01>
- Segev, E. (2010). Mapping the International: Global and Local Salience and News-Links Between Countries in Popular News Sites Worldwide. *International Journal of Internet Science*, 5(1), 48-71. Retirado de [https://www.ijis.net/ijis5\\_1/ijis5\\_1\\_segev.pdf](https://www.ijis.net/ijis5_1/ijis5_1_segev.pdf)
- Shalvee, & Sambhav, S. (2020). Role of mass media and communication during pandemic. *International journal of creative research thoughts*, 8(5), 3786-3790. Retirado de [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3669706](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3669706)
- Shamilishvili, G. (2019). Psychological influence of modern mass media on formation of gender stereotypes. *Economics. Ecology. Socium*, 3(2), 71-76. <https://doi.org/10.31520/2616-7107/2019.3.2-8>
- Shoemaker, P. J., Johnson, P. R., & Riccio, J. R. (2017). The gatekeeping of political messages. In K. Kenski, & K. H. Jamieson, *The Oxford handbook of political communication* (pp. 347-358). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Shrivastava, K. M. (2007). *News agencies: from pigeon to internet*. Nova Deli: New Dawn Press Group.
- Silva, G. (2005). Para pensar critério de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(1), 95-107. <https://antigo.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>
- Silva, L. S. (2020). *Jornalismo na pandemia do coronavírus: as adaptações encontradas pelos jornalistas de televisão*. Monografia, Centro Universitário do Sul de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil. Retirado de <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1373>
- Sousa, J. P. (2001). *Elementos de jornalismo impresso*. Obtido em Fevereiro de 2021, de Biblioteca online de Ciências da Comunicação: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)
- Sousa, J. P. (2006). *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Obtido em Fevereiro de 2021, de Biblioteca online de Ciências da Comunicação: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt)
- Speakman, B., & Funk, M. (2020). News, nationalism, and hegemony: The formation of consistent issue framing throughout the US political right. *Mass Communication and Society*, 23(5), 656-681. Retirado de <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/15205436.2020.1764973?needAccess=true>
- Steinberger-Elias, M. B. (2005). Jornalismo e imaginário internacional sobre o Mercosul. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(2), 63-73. Retirado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2143>

- Tagliabue, F., Galassi, L., & Mariani, P. (2020). The “Pandemic” of Disinformation in COVID-19. *SN Comprehensive Clinical Medicine*, 2, 1287–1289. <https://doi.org/10.1007/s42399-020-00439-1>
- Tanikawa, M. (2019). Is “Global Journalism” Truly Global? *Journalism Studies*, 20(10), 1421-1439. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1520610>
- Tavares, F. (2012). Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. *E-compós*, 15(1), 1-16. <https://doi.org/10.30962/ec.740>
- Tuchman, G. (2009). As notícias como uma realidade construída. In J. P. Esteves (Eds.), *Comunicação e Sociedade* (pp. 93-106). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tellería, A. S., & Noci, J. D. (2020). Media all over the world face the coronavirus crisis; how international digital media deal with public issues. In R. Paulino, & C. Rodriguez-Hidalgo (Eds.), *Jornalismo, sociedade e pandemia* (pp. 219-232). Aveiro: Ria Editorial. Retirado de <http://www.riaeditorial.com/index.php/jornalismo-sociedade-e-pandemia/>
- Tulloch, C. (2010). Cuando las noticias llegan del extranjero. In I. C. Markina (Ed.), *La especialización en el periodismo: formarse para informar*. Sevilla: Comunicacion Social Ediciones y Publicaciones.
- Viana, B. C., & Lima, M. É. (2012). Além das fronteiras: Uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. In *XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Anais, Recife: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* (Vol. 1). Retirado de <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1606-1.pdf>
- Wall, M. (2017). Mapping Citizen and Participatory Journalism. *Journalism Practice*, 11(2-3), 134-141. <https://doi.org/10.1080/17512786.2016.1245890>
- Waltz, I. (2015). O “jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. *Leituras do Jornalismo*, 2(4), 116-133. Retirado de <https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/69>
- Wendling, M. (7 de Janeiro de 2021). QAnon: o que é e de onde veio o grupo que participou da invasão ao Congresso dos EUA. *BBC News*. Retirado de <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55577322>
- Williams, K. (2011). *International Journalism*. Londres: SAGE Publications Ltd.
- Wolf, M. (1994). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, LDA.
- Wu, H. D. (2000). Systemic determinants of international news coverage: a comparison of 38 countries. *Journal of Communication*, 50(2), 110-130. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.2000.tb02844.x>

Wu, H. D. (2003). Homogeneity around the world? Comparing the systemic determinants of international news flow between developed and developing countries. *Gazette: The International Journal For Communication Studies*, 65(1), 9-24. Retirado de <http://deniswu.org/wp-content/uploads/2017/05/Gazette2003.pdf>



## Anexo I

Lista de links para as notícias online escritas durante o estágio.

Festival Semibreve: 5 razões para não perder a festa da música eletrónica de Braga (mesmo na internet) <https://visao.sapo.pt/visaose7e/ver/2020-10-24-festival-semibreve-5-razoes-para-nao-perder-a-festa-da-musica-eletronica-de-braga-mesmo-na-internet/>

Myanmar: Do triunfo da democracia à queda de uma heroína <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-05-myanmar-do-triunfo-da-democracia-a-queda-de-uma-heroina/>

Recandidatura de Trump em 2024? Republicanos até “se afastariam para permitir que isso acontecesse” <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-05-recandidatura-de-trump-em-2024-republicanos-ate-se-afastariam-para-permitir-que-isso-acontecesse/>

EUA: Enquanto o mundo olhava para o mapa eleitoral, o Oregon descriminalizava drogas pesadas em referendo <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-05-eua-enquanto-o-mundo-olhava-para-o-mapa-eleitora-o-oregon-descriminalizava-drogas-pesadas-em-referendo/>

Para o Irão, Biden seria a “opção menos má” <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-05-para-o-irao-biden-seria-a-opcao-menos-ma/>

Kanye West: um artista com 60 mil votos <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-06-kanye-west-um-artista-com-60-mil-votos/>

Dos Serviços Secretos ao Supremo Tribunal. O que acontece se Trump não conceder a vitória a Biden? <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/eleicoes-eua/2020-11-09-dos-servicos-secretos-ao-supremo-tribunal-o-que-acontece-se-trump-nao-conceder-a-vitoria-a-biden/>

“Ser ativista na Arábia Saudita é ser o elo mais fraco”. Loujain está em greve de fome e não vai desistir <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-11-ser-ativista-na-arabia-saudita-e-ser-o-elo-mais-fraco-loujain-esta-em-greve-de-fome-e-nao-vai-desistir/>

Cinco milhões de votos depois, Geórgia vai recontar todos os boletins à mão <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/eleicoes-eua/2020-11-12-cinco-milhoes-de-votos-depois-georgia-vai-recontar-todos-os-boletins-a-mao/>

Peru acorda sem presidente e com crise política à vista <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-16-peru-acorda-sem-presidente-e-com-crise-politica-a-vista/>

Rússia trabalha na liofilização da vacina Sputnik V para facilitar transporte e armazenamento <https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-11-17-russia-trabalha-na-liofilizacao-da-vacina-sputnik-v-para-facilitar-transporte-e-armazenamento/>

Elixir bucal pode diminuir a carga viral e matar o coronavírus? Estudo mostra “sinais promissores”  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-11-17-elixir-bucal-pode-diminuir-a-carga-viral-e-matar-o-coronavirus-estudo-mostra-sinais-promissores/>

“Vamos ter fomes de proporções bíblicas em 2021”, avisa líder do Programa Alimentar Mundial  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-18-vamos-ter-fomes-de-proporcoes-biblicas-em-2021-avisa-lider-do-programa-alimentar-mundial/>

A que cheira o passado? Este projeto quer recriar os aromas da velha Europa  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-18-a-que-cheira-o-passado-este-projeto-quer-recriar-os-aromas-da-velha-europa/>

Entre manifestações e violência, os jovens tailandeses ainda lutam pelo sonho da democracia  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-18-entre-manifestacoes-e-violencia-os-jovens-tailandeses-ainda-lutam-pelo-sonho-da-democracia/>

Defesas contra coronavírus podem durar anos, aponta novo estudo  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-11-23-defesas-contra-coronavirus-podem-durar-anos-aponta-novo-estudo/>

De presidente a sabotador? As decisões de Trump a semanas de deixar o cargo  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-23-de-presidente-a-sabotador-as-decisoes-de-trump-a-semanas-de-deixar-o-cargo/>

Administração Biden. Anunciados os primeiros triunfos para a nova era pós-Trump  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-25-administracao-biden-anunciados-os-primeiros-trunfos-para-a-nova-era-pos-trump/>

Meghan Markle, duquesa de Sussex, revela ter sofrido aborto espontâneo em julho  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-25-meghan-markle-duquesa-de-sussex-revela-ter-sofrido-aborto-espontaneo-em-julho/>

Aumento do trabalho doméstico não-remunerado pode empurrar 469 milhões de mulheres para a pobreza extrema  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-27-aumento-do-trabalho-domestico-nao-remunerado-pode-empurrar-469-milhoes-de-mulheres-para-a-pobreza-extrema/>

Com polegares mais grossos, neandertais usavam as mãos de forma diferente  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-11-29-com-polegares-mais-grossos-neandertais-usavam-as-maos-de-forma-diferente/>

Perdões e indultos na Casa Branca. Quais os limites deste direito presidencial? Pode Trump perdoar-se a si próprio? <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/eleicoes-eua/2020-11-30-perdoes-e-indultos-na-casa-branca-quais-os-limites-deste-direito-presidencial-pode-trump-perdoar-se-a-si-proprio/>

Convidados deitados, vômitos entre pratos e estatuto social marcavam os banquetes romanos  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-01-convidados-deitados-vomitos-entre-pratos-e-estatuto-social-marcavam-os-banquetes-romanos/>

A história do abraço que fez o mundo refletir sobre a solidão na era da Covid-19

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-02-a-historia-do-abraco-que-fez-o-mundo-refletir-sobre-a-solidao-na-era-da-covid-19/>

Das políticas anti-LGBT à orgia na Bélgica. Quem é József Szájer, o eurodeputado que contrariou aquilo que sempre defendeu <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-02-das-politicas-anti-lgbt-a-orgia-na-belgica-quem-e-jozsef-szajer-o-eurodeputado-que-contrariou-aquilo-que-sempre-defendeu/>

Covid-19. Hackers tentaram atacar processo de refrigeração das vacinas

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-03-covid-19-hackers-tentaram-atacar-processo-de-refrigeracao-das-vacinas/>

Participantes da orgia na Bélgica “já tinham tido Covid-19”, garante anfitrião

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-04-participantes-da-orgia-na-belgica-ja-tinham-tido-covid-19-garante-anfitriao/>

RTP revela os 20 compositores que vão dar música no 55.º Festival da Canção

<https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2020-12-04-rtp-revela-os-20-compositores-que-voao-dar-musica-no-55-o-festival-da-cancao/>

Covid-19. Enquanto países ricos acumulam vacinas, quase 70 países pobres só vão conseguir vacinar uma em cada dez pessoas <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-09-covid-19-enquanto-paises-ricos-acumulam-vacinas-quase-70-paises-pobres-so-voao-conseguir-vacinar-uma-em-cada-dez-pessoas/>

Palavras diferentes que tenham sons parecidos soam iguais aos cães

<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2020-12-10-palavras-diferentes-que-tenham-sons-parecidos-soam-iguais-aos-caes/>

Icebergue gigante poderá colidir com ilha atlântica e coloca em risco pinguins, focas e albatrozes

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-10-icebergue-gigante-podera-colidir-com-ilha-atlantica-e-coloca-em-risco-pinguins-focas-e-albatrozes/>

Covid-19: “As crianças estão muito adaptadas para responder a novos vírus”

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-11-covid-19-as-criancas-estao-muito-adaptadas-para-responder-a-novos-virus/>

Departamentos dos EUA atacados por piratas informáticos; a Rússia é a principal suspeita

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-14-departamentos-dos-eua-atacados-por-piratas-informaticos-a-russia-e-a-principal-suspeita/>

The Great Reset: o plano económico pós-Covid que virou teoria da conspiração

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-15-the-great-reset-o-plano-economico-pos-covid-que-virou-teoria-da-conspiracao/>

“Eu sei quem me queria matar”: Investigação sobre envenenamento de Navalny revela novos pormenores do crime <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-15-eu-sei-quem-me-queria-matar-investigacao-sobre-envenenamento-de-navalny-revela-novos-pormenores-do-crime/>

Alergologistas lançam seis orientações sobre a tomada da vacina da Pfizer/BioNTech  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-12-15-alerlogistas-lancam-seis-orientacoes-sobre-a-tomada-da-vacina-da-pfizer-biontech/>

Covid-19. Quase metade dos trabalhadores migrantes em Singapura já foram infetados  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-16-covid-19-quase-metade-dos-trabalhadores-migrantes-em-singapura-ja-foram-infetados/>

Estudo aponta para possibilidade de impressoras 3D serem prejudiciais para a saúde devido à emissão de partículas de plástico  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-12-16-estudo-aponta-para-possibilidade-de-impressoras-3d-serem-prejudiciais-para-a-saude-devido-a-emissao-de-particulas-de-plastico/>

Paris vai pagar 90 mil euros por ter demasiadas mulheres a governar. Presidente diz que multa é “absurda”  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-17-paris-vai-pagar-90-mil-euros-por-ter-demasiadas-mulheres-a-governar-presidente-diz-que-multa-e-absurda/>

São jovens em pandemia e vendem conteúdo sexual na internet: “Podemos ser quem quisermos na vida”  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2020-12-17-sao-jovens-em-pandemia-e-vendem-conteudo-sexual-na-internet-podemos-ser-quem-quisermos-na-vida/>

Revelados novos pormenores sobre fóssil de mamífero que quebra regras da evolução  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-18-revelados-novos-pormenores-sobre-fossil-de-mamifero-que-quebra-regras-da-evolucao/>

Especialista diz que após a pandemia começam os “Loucos Anos 20” – mas só a partir de 2024  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-22-especialista-diz-que-apos-a-pandemia-comecam-os-loucos-anos-20-mas-so-a-partir-de-2024/>

Covid-19: Os animais também devem ser vacinados?  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-12-22-covid-19-os-animais-tambem-devem-ser-vacinados/>

Gastão Reis: A curta mas talentosa passagem pela música de um jovem artista  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2020-12-22-gastao-reis-a-curta-mas-talentosa-passagem-pela-musica-de-um-jovem-artista/>

Estamos a perder o equilíbrio e a sofrer quedas cada vez mais precoces. Porquê?  
<https://visao.sapo.pt/visaosaude/2020-12-29-estamos-a-perder-o-equilibrio-e-a-sofrer-quedas-cada-vez-mais-precoces-porque/>

Covid-19: Centenas de turistas britânicos “fogem” da Suíça apesar de quarentena obrigatória  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-29-covid-19-centenas-de-turistas-britanicos-fogem-da-suica-apesar-de-quarentena-obrigatoria/>

WhatsApp deixa de funcionar em alguns telemóveis. Veja se é o seu caso  
<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-29-whatsapp-deixa-de-funcionar-em-alguns-telemoveis-veja-se-e-o-seu-caso/>

O que se sabe até agora sobre a nova estirpe do coronavírus?

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-30-o-que-se-sabe-ate-agora-sobre-a-nova-estirpe-do-coronavirus/>

Porque os especialistas desvalorizam o caso do enfermeiro que testou positivo uma semana depois de ter levado a vacina <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-30-porque-os-especialistas-desvalorizam-o-caso-do-enfermeiro-que-testou-positivo-uma-semana-depois-de-ter-levado-a-vacina/>

Mesmo em pandemia, encontraram na rua o palco para mudar o mundo. Sete ativistas que marcaram 2020 <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2020-12-31-mesmo-em-pandemia-encontraram-na-rua-o-palco-para-mudar-o-mundo-sete-ativistas-que-marcaram-2020/>

“Só quero encontrar 11.780 votos”. Telefonema poderia levar Trump à justiça, mas especialistas dividem-se <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-01-04-so-querem-encontrar-11-780-votos-telefonema-poderia-levar-trump-a-justica-mas-especialistas-dividem-se/>

Esqueleto de criança com 41 mil anos questiona ciência sobre a cultura funerária do Neandertal <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-01-05-esqueleto-de-crianca-com-41-mil-anos-questiona-ciencia-sobre-a-cultura-funeraria-do-neandertal/>

Vagina Diva incendeia Brasil e as guerras culturais no país

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-01-07-vagina-diva-incendeia-brasil-e-as-guerras-culturais-no-pais/>

Jovens nigerianos procuram a “verdadeira beleza” do cinema com os seus telemóveis. E Hollywood já reparou neles <https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-01-09-jovens-nigerianos-procuram-a-verdadeira-beleza-do-cinema-com-os-seus-telemoveis-e-hollywood-ja-reparou-neles/>

Investigadores descobrem como as madrepérolas “constroem” uma estrutura perfeita

<https://visao.sapo.pt/atualidade/mundo/2021-01-10-investigadores-descobrem-como-as-madreperolas-constroem-uma-estrutura-perfeita/>